

Pisões Portugueses

POR

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano

Ao abordar o estudo dos pisões portugueses, impõe-se-nos, antes de mais, uma referência especial aos excelentes trabalhos do investigador espanhol Luis Cortes Vazquez sobre os pisões do seu País, de Trefacio, na Sanábria, da Horcajada, na provincia de Ávila, e de Lumbrales, na de Salamanca (1), não apenas porque, com o nosso contributo, completamos a afirmação desse autor, que, a propósito da grande difusão do pisão mecânico na Europa, menciona a sua existência até à Espanha, permitindo que se alargue a sua área cultural de forma a abranger igualmente o nosso País, a que ele de resto alude, mas também porque foram aqueles trabalhos que nos forneceram as principais indicações bibliográficas acerca do assunto, dispensando-nos mesmo, por vezes, de uma consulta directa, que a dificuldade de obtenção das obras mencionadas teria tornado muito morosa (2), e sobretudo porque foi neles que encontramos o

(1) Veja-se Luís Cortes Vasquez, El Pisón de la Salina en Trefacio (Sanabria), in: Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, Tomo XII, Cuaderno 4.º, Madrid, 1956; El Batán de la Horcajada, in: Zephyrus, VII, 1956 (Seminário de Arqueologia de Salamanca); e Las ovejas y la lana en Lumbrales, Pastoreo e industria primitiva en un pueblo salmantino, Centro de Estudios Salmantinos, IV, Salamanca, 1957, especialmente págs. 66/76.

(2) Assim é que, nomeadamente, foi sobretudo das citações do referido Autor que elaboramos a resenha dos processos de apisoamento entre os Romanos, as notas relativas ao aparecimento do pisão mecânico, e a maioria dos

melhor incentivo para o nosso empreendimento, a ajuda da compreensão de tão curioso elemento cultural, e os ensinamentos basilares que orientaram a nossa investigação.

Na fase artesanal da indústria das lãs, os tecidos caseiros, feitos com fio fiado na roca e tecido em teares manuais, apresentam, à saída do tear, uma contextura frouxa, rala, e pouco firme, que «deixa ver o dia a través» e se desfia com facilidade; o pano chama-se então a «cherga» ou «encherga», e requer uma operação especial de acabamento: ele deve ser «enfortido» ou «pisoado», isto é, batido fortemente em molhado e durante bastante tempo, de modo a apertar a trama e até a teia, e também a operar a amálgama das fibras, que o transforma numa espécie de pasta feltrosa, homogénea, espessa e forte ⁽¹⁾; tal é precisamente a função dos pisões, onde além disso, porém, como regra, os tecidos são lavados e desengordurados da sujidade e restos da

dados com que estabelecemos os termos de comparação com os casos dos demais países europeus.

(1) A relação entre os tecidos caseiros de lã e o pisão é tal que, em vários lugares, dava-se ao burel ou pano de varas o nome de «pano apisoado»; e no Soajo ouvimos mesmo chamar-se-lhe «pano fulão». Por outro lado, B. D. Coelho, Indústria caseira de Fiação, Tecelagem e Tingidura de Substâncias Têxteis no Distrito de Viana do Castelo, in: Portugália, I, pág. 377, a propósito do «fulão de Amonde», distingue entre tecidos *feltrosos*, ou buréis, e *não feltrosos*, para saias, aventais, lençóis, etc., parecendo que só os primeiros se apisoariam; contudo, os nossos informadores entendem que qualquer espécie de pano de lã pode ser apisoado. Note-se que é mesmo costume mandar ao pisão os panos de lã usados — mantas, cobertores, certas peças de roupa velha, etc. — que estejam gastos, puídos ou manchados, para aí serem lavados e outra vez enfortidos, voltando como novos. Na Foz do Cobreão (Vila Velha de Ródão), falaram-nos especialmente no enfortimento de mantas de lã que se usaram primeiramente para a apanha da azeitona, e que eram, passados anos, lavadas e enfortidas no pisão, passando a usar-se como cobertores.

«suarda» natural da lã, ou do azeite e demais produtos com que a preparam antes da fiação, pelo mesmo processo de apisoamento, com água, sabão, ou outros ingredientes apropriados, que ao mesmo tempo os limpa das fibras soltas ou que se desprendem. E finalmente, por uma tradição que vem de tempos recuados e ainda hoje se mantém, embora em casos raros, compete aos pisoeiros, terminada a lavagem e enfortimento, perfazerem o acabamento, cardando os tecidos pisoados que exijam essa operação.

O pisão artesanal que hoje se conhece, é um engenho tosco, primitivo e pesado, geralmente todo em madeira rudemente trabalhada (1), cujo princípio mecânico é muito simples; ele consta de uma roda motriz, munida de um eixo comprido que mostra, em pontos diferentes, duas palas dispostas perpendicularmente uma à outra, as quais, girando com o eixo em posições alternadas, levantam à vez dois grandes maços ou mascotos suspensos de uma armação, que ao cair vão bater o tecido que se encontra numa caixa aberta à frente deles (2), onde se deita a água ou outros líquidos próprios para a lavagem ou o apisoamento. Este mesmo tipo de acabamento, de resto, tem hoje lugar nas fábricas, onde os panos são também, por processos técnicos racionais, apertados em «batanos» metálicos accionados a motor, e que podem ser de maços, segundo o sistema antigo dos pisões artesanais, ou de cilindros — aos quais por uma curiosa sobrevivência, dão ainda o nome de «maços» (3).

(1) O facto de os pisões serem todos em madeira está porém menos em relação com o seu arcaísmo do que com o perigo de se rasgar o pano que adviria do emprego de pregos, que as pancadas dos malhos poderiam soltar.

(2) O princípio do pisão mecânico applicou-se a várias outras indústrias em que também se tinha em vista pisar ou triturar quaisquer produtos, como moenda de grãos ou de minérios, fabrico de pasta de papel, etc.

(3) Nas «Indagações relativas aos Tecidos de Lã — Resultados da inquirição feita por ordem do Conselho Geral das Alfândegas — Fábricas de Portugal»,

Os romanos já praticavam o apisoamento dos seus panos de lã, sendo em Roma os pisoeiros tão numerosos que se encontravam agrupados em *Collegia* ou *Sodalicia*; contudo, o pisão romano era totalmente diferente do actual, parecendo fora de dúvida que o mundo clássico desconheceu o sistema mecânico. Em Roma, o pano era de entrada posto em maceração numa mistura de argila usada especialmente para este fim, potassa e urina, em grandes fossas ou cubas (1); aí, seguidamente, os operários pisoeiros calcavam-no com os pés durante horas ou mesmo dias, calçados para tal com socos próprios (2), apoiando as mãos em guardas altas que a cuba tinha nas extremidades, para assim fazerem mais força. Nos estabelecimentos dos pisoeiros havia recipientes especiais onde os transeuntes urinavam, obtendo-se desse modo as enormes quantidades de urina necessárias para aquela indústria;

por Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, Lisboa (Imprensa Nacional), 1864, distingue-se, de facto, a respeito de várias unidades fabris dos distritos de Castelo Branco (Covilhã) e da Guarda, entre pisões de cilindros, e masseiras. Com efeito na Covilhã, vimos um batano metálico de maços, em actividade, que representa não uma sobrevivência dos velhos pisões de pau, mas uma forma funcional, ajustada ao abatanado de tecidos feltrosos, que deve ser mais demorado, para operar a ligação das fibras, e que, feito num batano de cilindros, causaria, com a sua excessiva duração, a perda de grande número de fibras.

(1) Castilho, in: *Fastos*, II, pág. 322, menciona as «gredas, as argilas, brancas ou pardas, a terra-de-pisoeiro, que na essência são uma e a mesma coisa, e até o cré», que «servem para absorver as substâncias oleosas que maculam os tecidos de lã»; e Morais define a terra-de-pisoeiro como: «uma espécie de greda, também chamada argila-esmética, que servia aos antigos Romanos para branquearem os tecidos». É sabido que a «toga candida», que vestiam os aspirantes a cargos públicos — que por isso recebiam o nome de *candidati* — era feita de lã branca natural, branqueada com uma preparação de greda ou gesso.

(2) Veja-se Hipócrates, *De Dieta*, I, 14, cit. por Cortes Vazquez, *El Batán de la Horcajada*, Nota 15. Segundo Plínio (cit. por Bluteau), o inventor do pisão foi Hermias.

o consumo desta era tão grande que chegou a ser objecto de um imposto ⁽¹⁾, e são frequentes as alusões ao cheiro pestilento que exalavam os pisoeiros ⁽²⁾. Uma vez pisoado o pano desta maneira, os mesmos pisoeiros lavavam-no e cardavam-no, cumulando assim o seu officio específico com o de lavadeiros e cardadores ⁽³⁾. E notamos com o maior interesse a existência de pisoeiros em terras portuguesas já na época romana ⁽⁴⁾.

Na Idade Média surge o pisão mecânico, mas não é possível fixar de modo certo a data do seu aparecimento e primeira difusão pela Europa. Viktor von Geramb nega que a mais antiga alusão a tal engenho seja apenas de 1389, em Augsburg, como pretende Feldhaus; as menções de que ele é objecto são muito anteriores a essa data, tanto em França como na Alemanha; pelo Glossário de Du Cange documenta-se a sua existência entre os séculos XI e XII, e outros dados fariam mesmo recuar a sua aparição talvez ao século IX. Pelo seu lado, Usher afirma que há pisões mecânicos

(1) Veja-se Suetonio, Vesp., 23, cit. por Cortes Vazquez, *ibid.*, Nota 16.

(2) Veja-se Marcial, vi, 93, *ibid.*, Nota 17.

(3) Bluteau diz que chamam comumente Lavandeiros de panos ao mestre que governa o pisão; e informa que «nisto imitamos os gregos», que lhe chamam «Plyntha, de Plynein, lavar, porque seu primeiro officio é lavar. «Tria enim (diz Hoffmann no seu Lexicon filológico) sunt fullonis numera, primum est lavare alterum conculcare & densare, tertium polire et pectere». Veja-se também Aristofanes, As Vespas, v, 1126; Macrobio, ii, 2, 9; e sobretudo S. Marcos, Evang., ix, 2, *cits.* por Cortes Vasquez, *ibid.*, Nota 13.

(4) No Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, existe uma lápide, encontrada na freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela (onde havia uma povoação e um balneário romano), erecta por Flaco, pisoeiro («fullo») ao Génio Laquiniense (*V l b s m Genio Laquinesis Flav Flavini fullo*). Esta interessantíssima informação, e a reprodução fotográfica que a acompanha, foi-nos fornecida com a maior amabilidade pelo Ex.^{mo} Senhor Coronel Mário Cardozo, Ilustre Director daquele Museu, a quem testemunhamos o nosso agradecimento (Est. I, n.º 1).

em Inglaterra a partir do século XII, embora aí, a par deles, se continuasse durante toda a Idade Média a pisoar a sangue (1).

Para Cortes Vazquez, o pisão mecânico — tal como a roda de fiar, na opinião de Júlio Caro Baroja — deve ser de invenção medieval europeia, tendo-se difundido muito rapidamente, e mostrando uma perfeita identidade de técnica desde os Balcãs até à Espanha — e Portugal — e desde a Escandinávia à Itália (2).

Seja porém como for, o enfortimento por meio do engenho mecânico parece estar completamente generalizado no século XVI; no que respeita a Portugal, é indubitavelmente a tal processo que se refere o «Regimento da fábrica dos panos de Portugal» promulgado por D. Sebastião em 1573, o qual aponta também as operações de lavagem e carda dos tecidos por parte dos pisoeiros, segundo a tradição antiga. E, em todo o caso, logo nos princípios do século XVII, ele vem descrito no livro de Vittorio Zonca sobre aparelhos mecânicos.

O aparecimento e generalização do pisão deste tipo, dispensando um grande número de operários, provocou uma crise nos antigos pisoeiros; segundo o já citado autor espanhol, enquanto que, antes disso, havia mais pisoeiros do que tecelões, depois, pelo contrário, cada engenho pisoava a obra de muitos tecelões (3).

(1) Na Flandres, porém, onde a indústria dos panos atingira desde tempos muito recuados uma grande perfeição, o pisão mecânico, apesar de isso, nunca se difundiu, e continuou-se sempre a pisoar a pé, embora se usasse uma pisoagem muito forte, a que se devia a extrema lisura dos tecidos (Cfr. A. L. Gutmann, *L'industrie drapière en Flandre*, in: *Les Cahiers Ciba*, Vol. 1, N.º 11, Basileia, 1947, pág. 382).

(2) Frei Pantaleão de Aveiro, no seu «Itinerário da Terra Sancta», publicado em 1533, cap. 84, fala num pisão que havia «abaixo da ponte» de Jacob, junto à cidade de Sapheto, na Judeia, onde trabalhava um judeu português; mas não se pode saber se se trata ou não de um engenho mecânico.

(3) Segundo Cortes Vazquez, op. cit., pág. 23 e Nota 14, e também *Las ovejas y la lana en Lumbrales*, pág. 68 e Nota 93, alguns autores computam

Outrora, quando se conheciam exclusivamente panos de lã de fabrico manual, e mesmo, em épocas mais recentes, enquanto o povo — e em especial as gentes rurais — se vestia principalmente com buréis e usava apenas mantas caseiras, os pisões de madeira, espalhados por todo o País, eram extremamente numerosos e activos (1), embora muitas vezes um só engenho pisoasse para uma grande área (2). Muitos deles viam-se isolados em regiões rurais, e enfortiam sòmente panos grosseiros, de consumo mais restrito; outros situavam-se em locais de tradição e concentração industrial, onde de longa data se faziam tecidos de lã cuidados e de bom acabamento. Ao mesmo tempo, era grande a importância que os monarcas atribuíam ao ofício de pisoeiro, de

em mais de quarenta o número de tecelões cuja obra era absorvida por um único pisão mecânico; mas, a outros, este número parece excessivo.

(1) No mencionado relatório de Fradesso da Silveira, encontra-se um verdadeiro cadastro dos pisões existentes à data do inquérito, que é bem expressivo: 12 pisões no concelho de Goes, 4 em Penacova, 30 no distrito de Viseu, etc. Mas já o «Regimento dos pannos» de 1573, a que também atrás aludimos, deixa adivinhar a existência de numerosos pisões, mesmo na cidade de Lisboa e suas comarcas, que por sinal «não fazem mais que pannos meyrinhos e buréis de lavradores», que dispensam a carda na percha, beneficiando por isso da excepção que os isenta de serem cardados nas «casas das perchas», podendo cardá-los nos pisões, «para evitar vexações».

(2) Assim, o «fulão» de Amonde, no sopé da Serra de Arga, que pisoava para toda a faixa litoral a norte de Viana do Castelo, e vertente sul daquela Serra; o pisão da Pica, de Fafe, centro de manteiros que iam abastecer regiões distantes; os pisões de Bucos, nas faldas do Barroso, que pisoavam mantas e buréis para a feira de ano dos Arcos de Baúlhe, de 13 de Dezembro, onde ia gente do Marão procurá-las; os pisões do Barranco dos Pisões, na serra algarvia de Monchique, que pisoavam para gente de Almodóvar, e Mértola e Alcoutim, no extremo leste da província, a mais de 100 km de distância; etc. E Fradesso da Silveira fala também nos três únicos pisões do distrito de Beja, de Alvito, Almodóvar e Serpa.

quem dependia a perfeição na «obragem» têxtil; no seu próprio dizer, «toda a bemfeitoria que nos panos se pode fazer, consiste na perfeição e acabamento deles na mão dos Pizoeyros»; e portanto, «eles serão obrigados a ter vigilância e cuidado dos panos que lhes forem dados a pizar» (1).

Hoje, porém, o ofício, nesta forma artesanal, está em plena decadência, e os velhos pisões de pau, dispersos pelas aldeias, encontram-se em via e vésperas de completo desaparecimento acompanhando a sorte da própria indústria artesanal; na maioria dos casos, subsiste apenas, a atestar aquela grande difusão, uma profusa toponímia, de norte a sul do País, a que em geral não correspondem já nenhuns vestígios materiais (2). Desses escassos pisões ainda em pé, raros são aqueles que funcionam, apenas em relação a mantas e buréis, e mesmo esses em condições precárias (3), vendo-se quase todos ao abandono, desmantelados e arruinados, a desfazerem-se aos bocados. Nas zonas industriais de lanifícios,

(1) Veja-se adiante, pág. 74, nota 1.

(2) É com efeito extremamente frequente o topónimo «Pisão» ou seus derivados, por todo o País, só ou acompanhado de outra designação. Na Serra do Soajo encontramos também o topónimo «Fulão», que corresponde ao termo usado em certas áreas do norte da província minhota, para designar um local hoje completamente deserto, mas onde corre um ribeiro. Além disso, em Espanha Camilo José Cela nota na região da Alcarria, o apelido frequente de «Batanero» (Viaje a la Alcarria, Barcelona, 1945, pág. 122).

(3) O pisoeiro de Bucos (Cabeceiras de Basto) — onde de resto existem ainda três pisões em actividade, embora sobretudo para consumo familiar — diz-nos que conserva o seu pisão em funcionamento apenas «por opinião» porque de resto os encargos fiscais e por outro lado o facto da indústria de lanifícios comprar ao lavrador a lã por um preço remunerador, que anula o interesse dos fabricos caseiros, não lhe consentem margem compensadora. É mais um exemplo da cedência dos velhos princípios da economia patriarcal e qualitativa em que o trabalho não é contabilizado, perante a invasão dos conceitos quantitativos e racionais, que caracteriza o nosso momento cultural.

como em Trinta, os velhos pisões de madeira conhecem uma última fase de actividade, como complementos das actuais unidades fabris de menor vulto, mas vão sendo por estas progressivamente assimilados, e substituídos por batanos metálicos, sendo, também aí, poucos os que se mantêm.

Já em relação aos primórdios da monarquia, alguns forais se referem a pisões, a propósito de certas imunidades municipais próprias dos concelhos perfeitos da primeira fórmula, segundo a classificação de Herculano. Com efeito, aí — e principalmente nos concelhos alentejanos — se dispõe que os pisões (e do mesmo modo as lojas de retalho de mercadorias próprias, os moinhos, azenhas, fornos de pão, de louça e de telha) ficariam livres, no todo ou em parte, para os vizinhos, mediante o pagamento de um certo tributo, enquanto que nas terras em que a coroa tinha domínio, e semelhantemente as classes privilegiadas nas suas honras e coutos, o uso de tais bens era geralmente reservado para esses senhorios (1).

Mais tarde, as actividades dos pisoeiros são objecto de uma minuciosa regulamentação, que consta do «Regimento» de D. Sebastião, já mencionado, o qual, revisto e aumentado, é posto novamente em vigor por D. Pedro II e depois, em 1724, por D. João V, e, mais tarde, pelo Marquês de Pombal, tendo em vista o muito que importa «que os panos que (nestes Reynos) se obrão sejam feitos na conta e perfeição que devem ter, especialmente depois que foi proibido o uso de panos estrangeiros». Nesse diploma, que constitui um notável trabalho de condicionamento da indústria de lanifícios da época, elaborado com o fim de «evitar os enganos e falsidades» com que até então se faziam os panos de lã,

(1) Cfr. Alex. Herc., *Hist. de Port.*, Liv.^o VIII, 3.^a parte (8.^a ed., Tomo VIII, pág. 48).

encontramos, além da indicação das regras obrigatórias a observar na lavagem, carda e escarduça, e escolha das lãs, e na tecelagem e tinturaria dos panos, a enumeração e características dos diferentes tipos de tecidos — os panos «verbis» e os «dizimados», dozenos, quatorzenos, sezenos, desochenos, vintenos, vintedozenos e vintequatrenos, segundo o número taxativo de fios, por centenas, que entram na sua urdidura, e as qualidades e pesos da lã correspondente, em arráteis por «ramo», e as baetas, picotes, guardalletes, e outros panos «de cordão», buréis e saragoças, etc. — , a descrição dos processos de pisoamento, lavagem e carda de cada uma dessas diferentes categorias de tecidos, sob a forma de imposições e proibições, com a menção das respectivas sanções e penalidades no caso de infracção. Na lavagem dos panos, proíbe-se aos pisoeiros o uso de gredas falsas ou outros materiais, especialmente cinza («cenradas»), e recomenda-se o de «gredas muito finas e conhecidas por boas» (1). Depois de devidamente enfortido, o pano devia ser cardado na percha, segundo prescrições muito precisas; mas proibem-se rigorosamente as cardas de ferro, e, para evitar «erros e danos», essa operação não se realizaria nos próprios pisões, mas em «casas de perchas» que os pisoeiros deverão ter «no principal lugar da mais obra-gem», «para nelas poderem melhor ser visitadas do Veedor... e se escusarem as falsidades que se cometem no estirar dos panos nos lugares ermos», exceptuando-se desta regra, contudo, os

(1) Note-se que, na Flandres, a lavagem prévia dos panos, para limpeza de gorduras e impurezas, era feita apenas com greda e água, ficando os tecidos de molho durante vários dias. O uso do sabão e da urina era proibido, como entre nós pelo citado Regimento. Mas enquanto que aqui o preceito parece não ter sido sempre respeitado, enfortindo-se ainda em nossos dias com urina, ali o seu desacato chegava, em certas cidades particularmente severas, a ser castigado com prisão (Cfr. A. C. Gudmann, op. e loc. cit.).

pisões que só façam buréis e panos meirinhos, nos quais é permitida a cardação dos seus produtos. Cada pisoeiro — e do mesmo modo todos os mais oficiais da lã — terá a sua marca, ferro, ou sinal, registados nos livros das Câmaras das cidades ou vilas onde se faziam panos; esse sinal, que ele apunha nos panos que enfortia, para que se pudesse sempre identificar o autor de possíveis defeitos, era diferente de todos os demais e estritamente pessoal, não podendo, à morte do artífice, ser tomado por qualquer outra pessoa, ainda que fosse um seu filho. Proibia-se ainda que se estirassem os panos, e que se enxugassem pendurados em muro, janela ou outra parte onde estivessem de maneira que com o peso da água pudessem dar de si. As mais pequenas faltas são previstas, e as infracções punidas com penas que vão desde a multa pecuniária até «degredo por dez anos para um dos lugares de além».

Em vista do cumprimento deste texto legal, é instituído o cargo de «Veedor dos panos» eleito por três anos e escolhido entre a gente «do tracto e officio de fazer pannos», que existirá, com funções de estrita fiscalização, em todos os lugares onde estes se fabriquem; torna-se obrigatório o exame artesanal dos oficiais da lã, a que presidirá o Vedor e dois homens eleitos pelo Corregedor ou pelo Juiz de Fora, escolhidos entre os mais antigos e experimentados de cada mister de que for o officio; e proíbe-se que a pisoagem se faça sem estar presente o próprio pisoeiro ou official examinado. E finalmente, cria-se na Covilhã, em Portalegre, e em Estremoz — parecendo assim apontar-se a importância destes três centros na indústria das lãs já nessa época (1) — um mostruário de padrões dos diferentes tipos de panos e seus tintos,

(1) Bluteau, no seu Elucidário, refere uma notícia extraída da «Guerra do Alentejo» (pág. 219), segundo a qual no decurso desses acontecimentos da Restauração, foram saqueados os pisões, onde se achava muito pano.

válidos por três anos e a cargo das Câmaras, que serviam para conferência e garantia nas transacções (1).

Enfim, no inquérito levado a cabo por Fradesso da Silveira junto da indústria de lanifícios, por ordem do Conselho Geral das Alfândegas, cujos resultados foram publicados em 1864, encontramos, além da indicação pormenorizada de todos os locais onde se fabricavam tecidos de lã, em pequena ou grande escala e em regime caseiro ou fabril, e respectivas categorias de artigos

(1) J. Lúcio de Azevedo relaciona este diploma, datado de 1573, com os progressos da indústria caseira nacional de lanifícios, que existia desde os primórdios da monarquia por toda a parte onde se criasse gado lanífero, designadamente na Beira e Alentejo. Ele teria por fim assegurar, como os demais «regimentos» de outras indústrias, «o perfeito fabrico»; e mostrava que o preparar dos panos já havia passado de indústria doméstica integral, à produção colectiva, com divisão de trabalho, embora se não tivesse ainda chegado à época da concentração das tarefas e fabrico em comum.

O mesmo autor, notando que, no dizer dos legisladores, os panos nacionais eram «mal obrados e falsificados, assim na conta dos fios como na impropriedade das tintas», e apontando as fraudes e deficiências da produção local, explica por essas razões os sucessivos «Regimentos» e leis especiais que, no decurso dos séculos XVII e XVIII, remetiam para o «Regimento» de D. Sebastião, que completavam com artigos novos.

Desse modo, os «Regimentos» e regulamentação do Marquês de Pombal sobre o assunto, explicam-se pela crise económica, pela necessidade de assegurar a boa produção nacional, e permitir as leis sumptuárias que proibiam a importação de panos estrangeiros.

(J. Lúcio de Azevedo — Épocas de Portugal económico, Lisboa, 1947, págs. 410/413).

Esta diversa legislação articulava-se, de resto, nos Regimentos e Ordenações da Fazenda, que, já no século XV, obrigara os donos dos panos a «escrever» os mesmos nos livros das sisas ou «tábulas» dos respectivos lugares, antes e depois de irem ao pisão (Cfr. Legislação do século XV, respeitante ao assunto, publicada por Joaquim de Vasconcellos, A Indústria Nacional dos Tecidos, in: O Archeólogo Português, vol. VI, Lisboa, 1901, pág. 19).

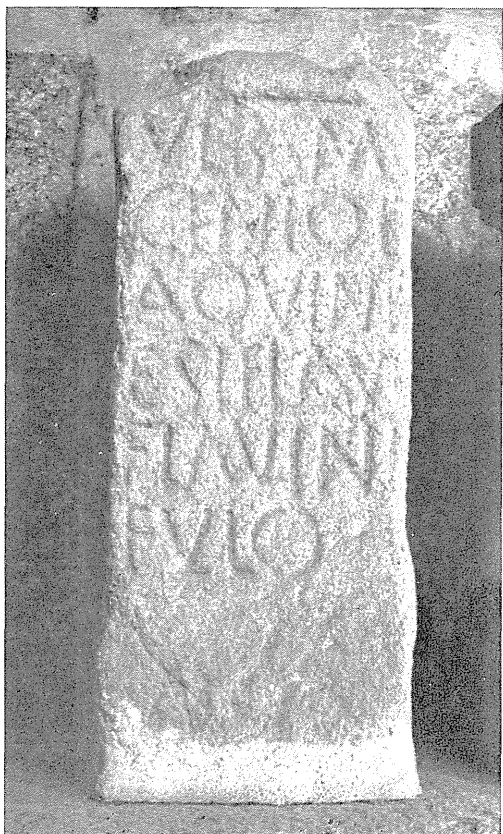


Fig. 1 — Lápide romana de Vizela

(Fotog. do Ex.^{mo} Senhor Coronel Mário Cardozo)

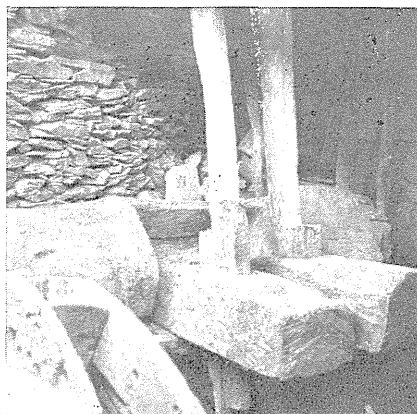


Fig. 2 — Pisão de S. Julião (Bragança)
A roda, a masseira e os malhos

produzidos, um verdadeiro cadastro dos pisões existentes em Portugal naquela data, distinguindo-se entre pisões metálicos (a que damos o nome de «batanos»), de maços ou de cilindros, e maçadeiras ou pisões de madeira, seu valor e custo de produção, e algumas breves notas acerca dos processos de pisoagem e regime de trabalho neles praticados (1).

*

* *

Do que atrás ficou dito, vê-se que o velho pisão de madeira se compõe de três peças fundamentais, independentes mas relacionadas entre si e em conexão umas com as outras: a roda motriz e o eixo com as palas, os malhos, maços ou mascotos, com a respectiva armação, e a caixa ou tina onde se põe o pano (Est. I, n.º 2); e, além delas, de diversas outras complementares, tais como a caldeira e a fornalha onde se aquece a água que se deita no pano, a pia para a greda, as várias calhas para condução da água, a mesa ou sarilho para encartar e dobrar o pano, etc.; e também, em certos casos raros, a percha e cardas para a carda das mantas. Todos os pisões que conhecemos ou de que temos notícia, são idênticos no seu princípio e estrutura essenciais: e será com base apenas nas formas e localização relativa diferentes daquelas diversas peças, que poderemos tentar estabelecer certas categorias entre eles.

A roda motriz é geralmente uma roda de água, de copos, muito estreita, semelhante às rodas dos engenhos de azeite; excepcionalmente, porém, em Cebolais (Castelo Branco) centro importante da indústria de lanifícios, e onde não havia água, falaram-nos de um pisão cujos martelos, pesando apenas cerca

(1) Vide pág. 65, nota 3.

de 50 kg, providos de pegadeiras na sua ponta posterior, eram movidos a braço; e em Lumbrales, Cortes Vazquez nota um pisão montado em seco, cuja roda era accionada a sangue, «con una caballeria», nos seus próprios termos (1), e, mais modernamente, num expressivo anacronismo, por meio de um motor. A roda pode situar-se dentro do edifício do pisão, como é o caso dos pisões espanhóis descritos por Cortes Vazquez, ou fora e ao lado, recebendo a água geralmente por cima, por qualquer conduto ajustado às condições do terreno; é este último o caso dos pisões portugueses que conhecemos (2) e também o de um pisão sueco de Bodarsjon, mencionado pelo mesmo autor espanhol, que se encontra no Nordiska Museet, de Skansens.

Por seu turno, os maços podem estar suspensos de uma armação que se eleve sobre a tina, batendo então o pano por uma actuação no sentido horizontal, ou, mais raramente, de uma armação que se situe atrás da tina, actuando então no sentido vertical. O primeiro processo, que é o mais frequente, aparece na maioria dos pisões portugueses, nos três espanhóis estudados por Cortes Vazquez, e em vários outros que este autor menciona, como sejam os de Bormio, na Valtelina (Itália), etc.; na serra e região do Caramulo, porém, os pisões são do segundo tipo, com os malhos articulados numa armação situada atrás da tina, caindo verticalmente sobre o pano; e, numa miniatura que se encontra no

(1) Cfr. Cortes Vazquez, *Las ovejas y la lana em Lumbrales*, pág. 69, nota 94.

(2) O pisão do moinho do Félix, no ribeiro das Maças, que faz a raia com a Espanha em S. Julião, um pouco a nordeste de Bragança, tem uma roda de palhetas, accionadas pela água, em baixo; essa roda, como sucede com os pisões espanhóis descritos por Cortes Vazquez, encontra-se dentro do edifício do pisão, ao contrário do que sucede geralmente em Portugal. É na verdade um caso único entre nós, e deve notar-se que o construtor e primitivo dono do pisão era de nacionalidade espanhola.

Museu Municipal de Vila do Conde (e da qual existe uma cópia no Museu de Etnografia e História do Porto), que parece reproduzir um pisão que havia em Guidões (Santo Tirso), hoje completamente desaparecido, vemos igualmente um exemplar deste mesmo tipo (1); e, sempre no mesmo autor espanhol, menciona-se idêntico sistema no pisão sueco atrás referido (2).

Entre nós, e também em Espanha, os maços são sempre em número de dois, actuando alternadamente, seguindo o ritmo das

(1) Veja-se P. Agostinho de Azevedo, A indústria das baetas e os pisões em Santo Tirso, in: Douro-Litoral, VII (1.ª Série), Porto, 1943, págs. 3-4, com um desenho dessa miniatura. Este pisão seria o último abandonado dos muitos que houve em Guidões, onde se pisoavam as *baetas da Carriça*, que prolongaram a tradição da indústria caseira e primitiva de lanifícios da região, da *seriguilha*. Ele teria pertencido à *Casa Lopes*, junto da antiga igreja. Estes pisões trabalhavam para as fábricas que ali se fundaram em tempos recuados — a primeira existia já ao tempo das invasões francesas — e que conheceram então grande prosperidade. Esta miniatura (fig. 13), mostra um pisão diferente da generalidade dos pisões portugueses e cujo tipo se encontra, entre nós, como dissemos, apenas na região do Caramulo; ele não tem, ali, carácter rústico, ou porque era um pisão fabril, ou porque a reprodução não é totalmente fiel. Por outro lado, a indicação da nomenclatura das peças exclui a hipótese de um engano. Enfim, ele suscita um problema que nos parece muito difícil de esclarecer, agora que desapareceram todos os testemunhos materiais do engenho.

(2) No Fasc. 2 das Publicações do Museu Etnográfico de Split, acerca da povoação de Vrlika, na Dalmácia (Jugoslávia), (Split, 1956), a fotografia 6 representa um pisão dos arredores daquela localidade, em vésperas de ser demolido, que era accionado pelo rio Cetina. A breve legenda que a acompanha diz apenas que ele é de uma fábrica muito primitiva, não compreendendo — como sucede em todos os casos que conhecemos — nem um pedaço só de ferro (a não ser os agulhões do eixo). O sistema deste pisão é porém difícil de compreender à simples vista da fotografia em questão, parecendo porém que ele pertence a essa categoria mais rara em que os malhos apisoam batendo o pano no sentido vertical. Outros pisões jugoslavos de que temos notícia (vide nota seguinte), são porém de pancada horizontal.

palas do eixo; o pisão sueco em questão, porém, tem seis maços, e um pisão romeno, que funcionava ao ar livre, tinha quatro (1).

Os maços, à frente, são em forma de cunha, adelgaçando para baixo, por forma que, batendo o pano por baixo, o obrigam a voltar-se constantemente; mas, além disso, em muitos dos nossos pisões, de Amonde, de Ázere, do Barranco dos Pisões, e até nos dois de pancada vertical, de Arões e de Matadegas, e no espanhol de Lumbrales, nos italianos de Bormio, e num jugoslavo de Dihovo, essa face oblíqua é denteada. E vemos esta particularidade nos actuais batanos metálicos de maços, usados nas fábricas.

*

* *

— Vejamos agora mais pormenorizadamente os pisões portugueses que estudamos.

I — Pisões de pancada horizontal (malhos suspensos de uma armação sobre a tina)

1) *Pisão de Fonte Branca (Castro Daire)* — O maior pisão português que conhecemos, que é de um bom acabamento, e até mesmo elegante na sua robustez, é o de Fonte Branca, na freguesia de Picão (Castro Daire). É inteiramente construído de carvalho, e apenas os *aguilhões* do eixo são de ferro; as diversas peças que

(1) Estudado por Tache Papahagi, in: *Antologie Aromaneasca*, de Bucarest, e cit. por Cortes Vazquez. Na Dalmácia temos também notícia de pisões que funcionavam ao ar livre (cfr. *Zbornik za Narodni život i Običaje*, Zagreb, 1953, págs. 69/80).

o compõem ligam-se umas às outras por espigas ou tornos de madeira (figs. 1 e 2).

A *gamela*, feita de um pedaço grossíssimo de um tronco, está colocada sobre dois *dormentes* lançados sobre o poço onde se

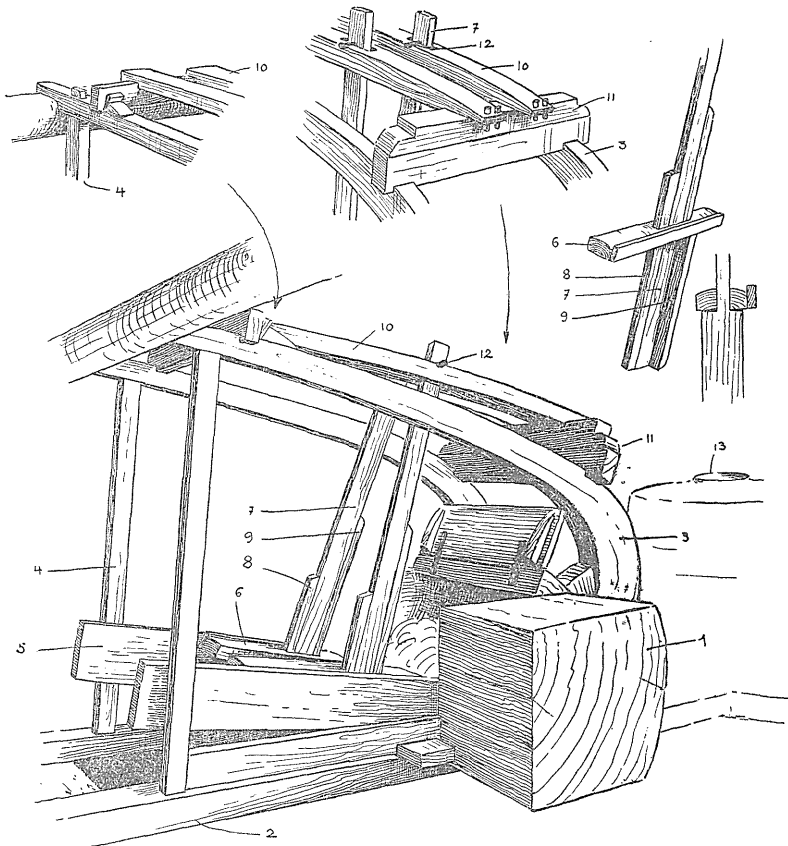


Fig. 1 — Pisão de Fonte Branca (Castro Daire)

- | | | | | |
|--------------|------------|--------------------|-------------------------|---------------|
| 1 — Gamela | 4 — Esteio | 7 — Cambão do maço | 10 — Mesas | 12 — Chavelha |
| 2 — Dormente | 5 — Guarda | 8 — Fecho | 11 — Travessa das mesas | 13 — Caldeira |
| 3 — Ramada | 6 — Maço | 9 — Intimãs | | |

move o *eixo* com as *dobadoiras*; por cima dela fica a armação donde pendem os *cambões* dos *maços*: esta armação consta das duas peças curvas da *ramada*, fixas atrás da *gamela* e apoiadas

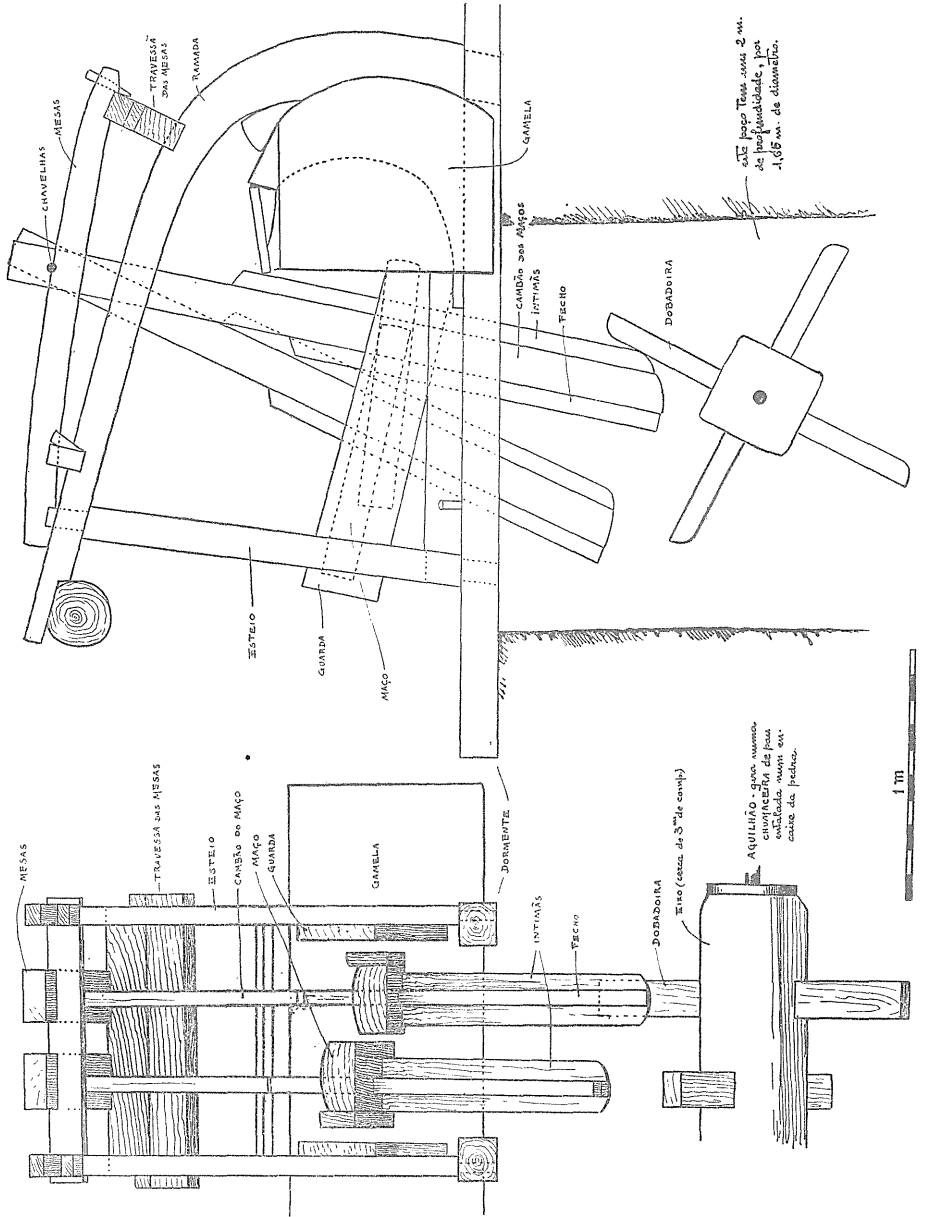


Fig. 2 — Pisão de Fonte Branca (Castro Daire)

nos *esteios* e numa trave que vai de parede a parede, e das *mesas* com as suas *travessas*. Os maços pròpriamente ditos são peças pouco pesadas; o que lhes dá maior peso são os *fechos* e as *intimãs*, servindo aqueles de cunhas, e oferecendo estas maior superfície de encosto às dobadoiras. As intimãs impedem igualmente o avanço

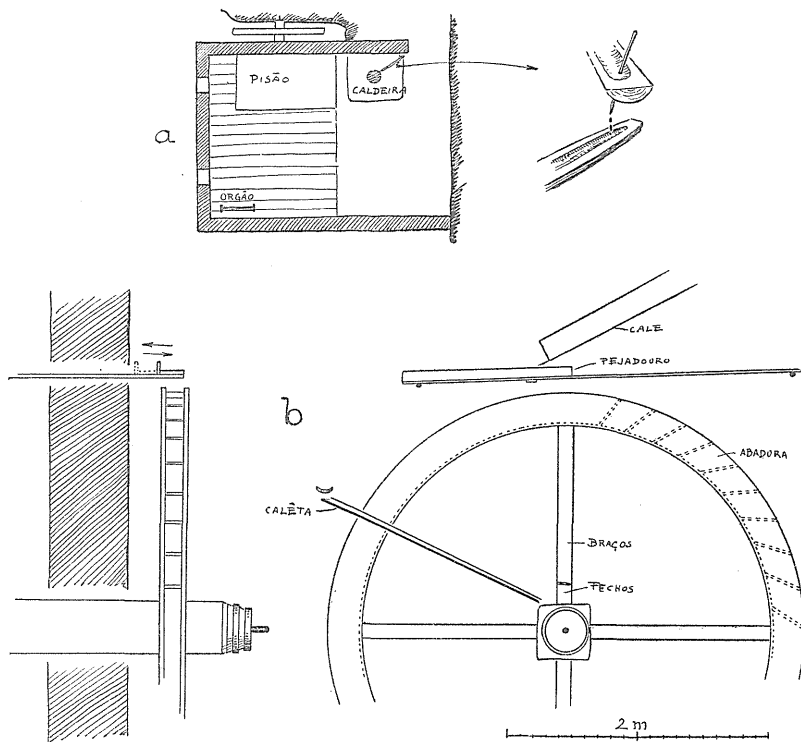


Fig. 3 — Pisão de Fonte Branca

a — Planta do edificio

b — Pormenores da roda

demasiado dos maços, pelo embate na tábua que se apresenta como uma tampa da gamela. O curso dos maços é protegido lateralmente pelas *guardas*, colocadas entre a gamela e os *esteios*, logo por fora dos maços.

Atrás desta máquina, fica a *fornalha* e a *caldeira*, onde se aquece a água (fig. 3-a).

A roda aplicada ao eixo, com 3,60 m de diâmetro, é semelhante às que se usam nos engenhos de azeite, de *abaduras* muito pouco afastadas, formando cerca de 50 *copos* estreitos. A água da *cale* é desviada por um *pejadoiro* de movimento lateral, manobrado de dentro do edifício. A lubrificação e arrefecimento dos agulhões, que giram em *chumaceiras* de pau entaladas em encaixes de pedra, é feita por água trazida em calêtas de pinho escavado (fig. 3-b).

2) *Pisão do Barranco dos Pisões (Monchique)* — Há menos de cinquenta anos existiam neste local cinco ou seis pisões em actividade; hoje, já nenhum funciona, e, pelo contrário, todos se arruinam ao abandono. O nosso informador trabalhou muitos anos com o que passamos a descrever, mas não sabe o nome de algumas peças.

O pisão é, como o de Fonte Branca, de grandes dimensões, mas de aspecto menos possante (fig. 4). Os *malhos* são longas peças inteiriças de madeira, de secção quadrada, com 40 cm de lado, e com 2,20 m de comprimento; o topo inclinado que bate o pano não é liso, como no pisão de Castro Daire, mas denteado, apresentando uma série de cavados, como degraus de uma escada. Os seus braços descem abaixo deles uns 40 cm. O eixo é de secção quadrada, também com 40 cm de lado, e as alavancas que o atravessam e empurram os braços têm $1,70 \times 0,20 \times 0,10$ m.

Por trás da *caixa*, que mede 90 cm de comprimento, está a *caixa da greda*, onde se prepara a mistura de greda e água que se deita no pano para a lavagem preliminar, a qual porém se realiza já com o pisão em movimento; adiante dela, protegendo o curso dos malhos, vêem-se umas guardas semelhantes às do pisão de Fonte Branca. A roda tem 2,60 m de diâmetro, e 32 copos; é também estreita, mas o aro que forma o fundo dos copos é muito espesso. A água vem pela *quelha*, e é desviada pela *apara-deira* (pejadoiro), igualmente de movimento lateral e manejada do

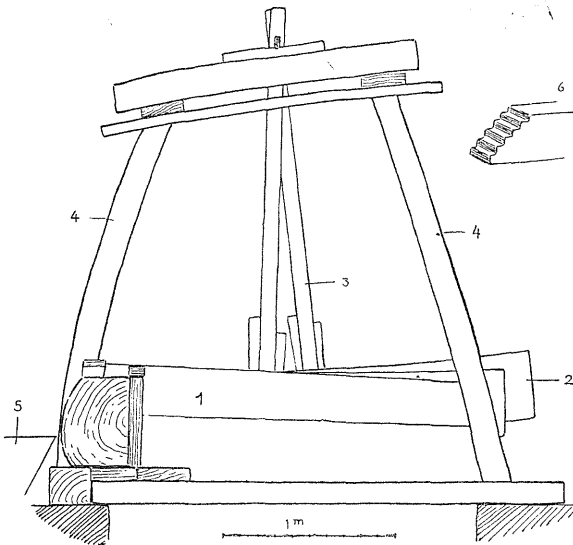
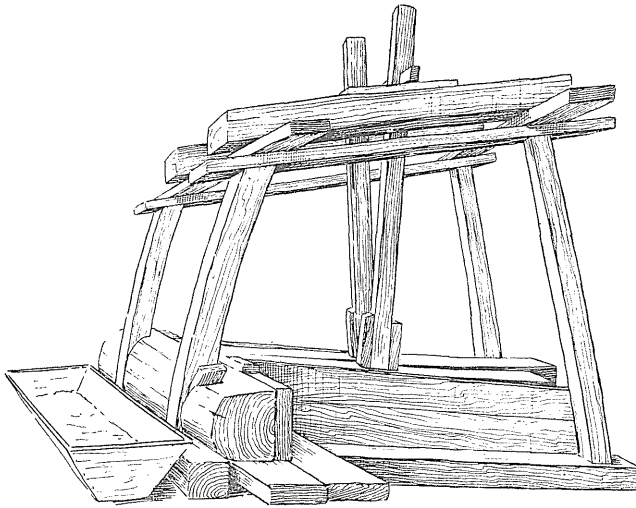


Fig. 4 — Pisão do Barranco dos Pisões (Monchique)

- | | | |
|------------|-------------|---|
| 1 — Caixa | 3 — Braços | 5 — Caixa da greda |
| 2 — Malhos | 4 — Esperas | 6 — Ponta dos malhos, que bate o tecido |

interior do edifício, como em Castro Daire. O poço leva o nome de *inferno*.

3) *Pisão ou «Fulão» de Amonde (Viana do Castelo)* — No pequeno «fulão» de Amonde (fig. 5), que fica a uns 9 km de

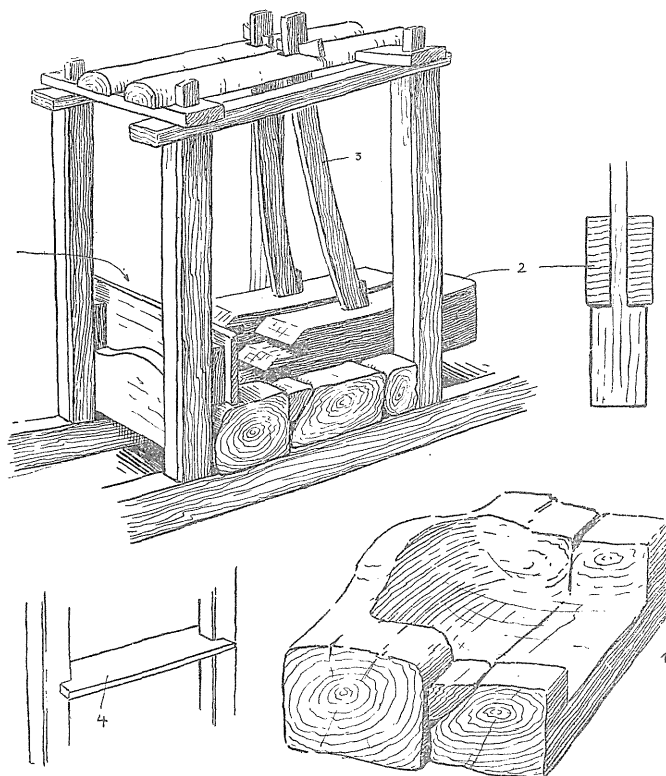


Fig. 5 — «Fulão» de Amonde (Viana do Castelo)

1 — Pia 2 — Malho 3 — Pé direito 4 — Dobadoira

Âncora, no sopé da serra de Arga, a *pia* é formada por duas peças de carvalho fixas uma à outra (porque só uma não teria a largura necessária), escavadas e com rebordos laterais que dispensam as guardas que se vêem nos pisões anteriormente descritos. Os *malhos*, atravessados pelos *cabos dos malhos*, pendem de uma

armação a que chamam *tear*, que é de planta quadrada com 1,10 m de lado e cerca de 1,60 m de altura. No lado exterior do tear, pousada entre os dois *pés direitos*, coloca-se nas ocasiões convenientes uma tábua larga, a *dobadoira*, que serve de mesa sobre a qual colhem o pano quando lhe *dão as voltas*. Como no pisão algarvio, também aqui as pontas dos malhos que batem o pano mostram profundos entalhes. A pia leva 18 a 20 braças de burel ou mantas.

Toda esta máquina, que é integralmente de madeira de carvalho, está assente sobre duas traves que atravessam o poço onde gira o eixo e as palas. O pisão fica numa encosta, e aproveita-se uma levada de água de rega para mover a sua roda de copos, que é de pequeno diâmetro.

4) *Pisão de Bustêlo (Alvão)* — O pequeno pisão de Bustêlo, na vertente da serra do Alvão voltada para Ribeira de Pena, tem um aspecto mais simples do que os três que acabamos de descrever, pois as *mangúeiras* dos malhos estão suspensas de um eixo passado entre duas traves inclinadas, lançadas de parede a parede, não existindo assim a complicada armação de madeira (fig. 6). A própria forma da *masseira* ou *masseirão* contribui para acentuar esta impressão de simplicidade; ela é na verdade feita de um simples pedaço de um tronco de castanheiro, escavado no sentido longitudinal, de molde a formar um anteparo de cada lado, desempenhando assim o papel das guardas que vimos nos dois primeiros pisões que descrevemos. A masseira assenta a sua parte maciça num tosco soco de pedra, e alonga esses anteparos nos lados do curso dos malhos. Duas varas pregadas entre as traves e estes anteparos dão maior rigidez ao conjunto.

Logo atrás da masseira fica a *fornalha* e a *panela*, que fornecem a água quente, a qual, conduzida por um tubo munido de um passador, cai sobre a face superior da masseira, e escorre

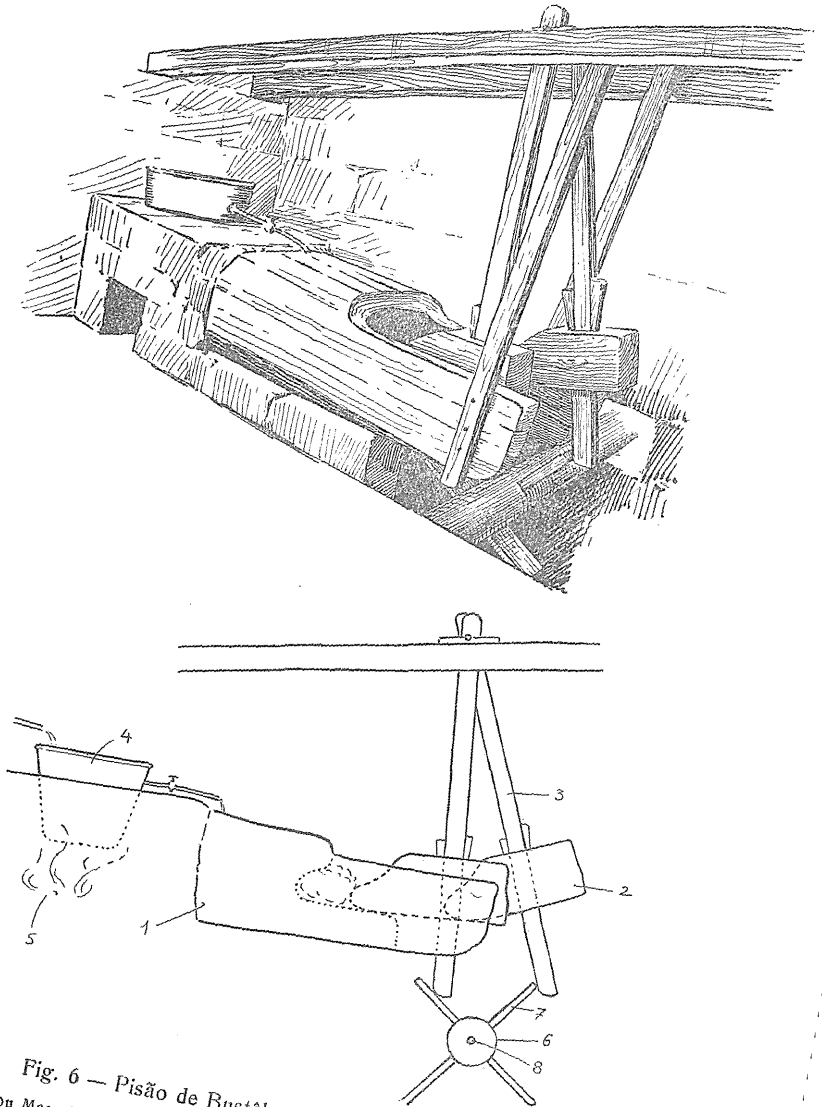


Fig. 6 — Pisão de Bustêlo (Serra da Alvão)

1 — Maseira ou Maseirão
2 — Malho

3 — Mangueira
4 — Panela

5 — Pornalha
6 — Eixo

7 — Carreto
8 — Aguihão

sobre ela, que para isso é inclinada e com ligeiros sulcos escavados.

Exceptuando a masseira, que como dissemos, é de castanho, toda a máquina é de madeira de carvalho.

5) *Pisão de Bucos (Cabeceiras de Basto)* — Este pisão, e mais outros dois, instalados perto e no mesmo ribeiro, são os últimos que restam dos numerosos pisões que existiram por esta região do Barroso e Cabreira; e, de entre os demais que visitamos por todo o País, é talvez o de construção mais pobre, rude e simples (fig. 7). As *barelas* dos malhos pendem de *estroncas* inclinadas, apoiadas em duas traves fixas às paredes, não existindo qualquer peça entre essa e as restantes partes do pisão. O malho apoia-se numa *chavelha*, que atravessa a barela, e é apertado contra esta pelo *pescunho*; atrás da barela está a *rabadilha* que vem abaixo do malho, e contra a qual empurram as *levas* do eixo. Quando o volume da água assim o consente, carregam-se os malhos com um, dois, ou mesmo três *merendos*, que, tornando as pancadas mais violentas, abreviam a duração do apisoamento. Neste pisão, o malho propriamente dito é feito com três pedaços de madeira, mas isto apenas por conveniência ocasional de construção.

O *gastalho* é um tronco escavado de modo semelhante ao do pisão de Castro Daire, tendo ajnstada no rebordo inferior a *arriosta*, contra a qual batem as *rabadilhas*, impedindo o excessivo avanço dos malhos; esta peça pode ser substituída por outra quando gasta pelas pancadas, poupando-se assim o *gastalho*, que é de muito maior vulto. Sobre a extremidade maciça do lado onde o pisoeiro trabalha, está assente um estrado de tábuas, prolongado por um tabuão largo que forma uma espécie de mesa — o *rolador* —, sobre o qual encartam e estiram o pano. O *gastalho* está encostado a uma espécie de plataforma de pedra, que

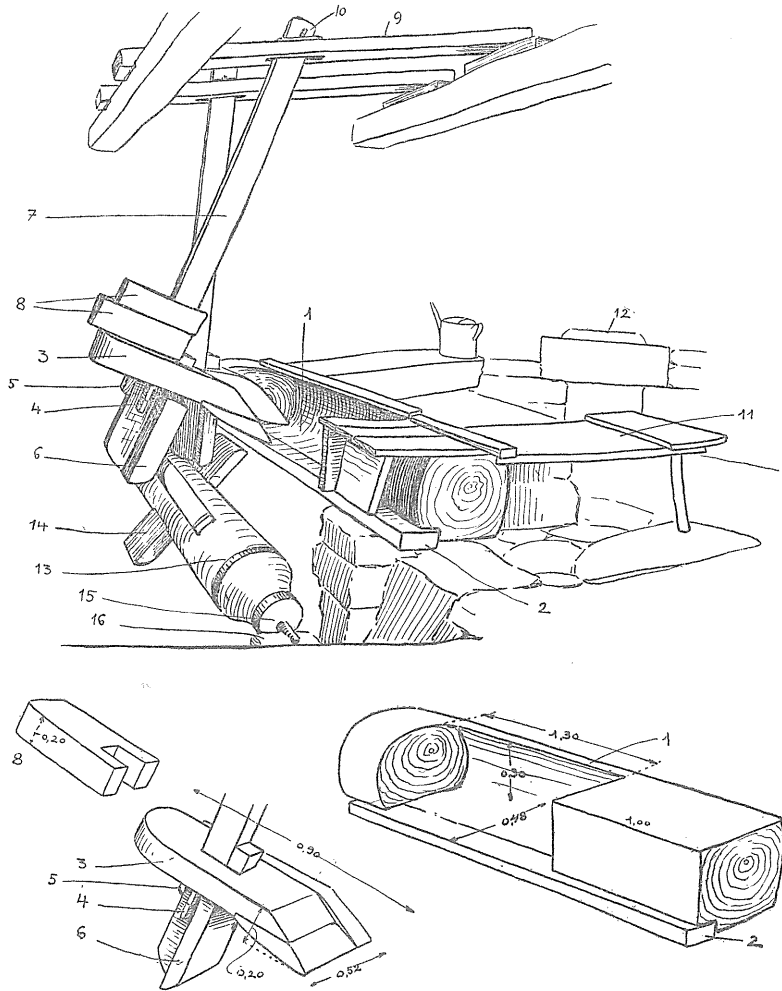


Fig. 7 — Pisão de Bucos (Cabeceiras de Basto)

1 — Gastalho	5 — Pescunho	9 — Estronca	13 — Eixo
2 — Arriosta	6 — Rabadilha	10 — Chavelha	14 — Levas
3 — Malho	7 — Barela	11 — Rolador	15 — Aguilhão
4 — Chavelha	8 — Merendos	12 — Caldeira	16 — Bucha

lhe dá a necessária imobilidade perante as pancadas dos malhos, e sobre a qual o pisoeiro se coloca para tirar ou lançar

o pano para dentro dele. O gualho leva cerca de 45 varas de burel.

A caldeira fica a um canto do edificio, e a água é conduzida para o gualho por meio de um regador vulgar. A *roda copeira* é de pequeno diâmetro — cerca de 2,20 m —, com 32 copos de 25 cm de largura; mas o jacto da água cai sobre ela com grande violência, por um cubo muito alto. Um pequeno dispositivo à boca deste cubo faz pingar água para um conduto que a leva ao aguilhão do eixo, para o lubrificar e arrefecer.

Todo o engenho é de madeira, excepto os mencionados aguilhões do eixo, que são de metal; não se consentem sequer pregos, que poderiam soltar-se e rasgar os panos.

6) *Pisão da Canalha (Trinta-Guarda)* — O pisão da Canalha, na região industrial de Trinta, perto da Guarda, na Serra da Estrela, é um dos seis antigos pisões de madeira accionados pelo Rio Mondego, que apertam as mantas tecidas localmente, por uma indústria tradicional, que parte é ainda caseira, parte é já exercida em pequenas fábricas, das quais algumas possuem batanos metálicos.

Este pisão (fig. 8), em nada de essencial difere dos demais que atrás descrevemos. A *masseira* é feita de uma peça única — um enorme tronco de castanheiro escavado no sentido longitudinal, como o de Bustêlo, prolongando-se em duas abas que desempenham o papel das vulgares guardas de tábuas. No seu extremo maciço está porém cavada uma pia pequena e pouco funda, cuja frente, do lado da masseira, é constituída por uma forte travessa aberta em vários rasgos; essa pia recebe a água que vem de fora, distribuindo-a, a toda a largura da masseira, por aqueles rasgos, por onde ela corre, caindo assim sobre o pano que ali se encontra. No rebordo superior da masseira, em local conveniente, um pouco adiante a meio do curso dos malhos,

há um entalhe em que se firma uma tranca que os aguenta, quando se pretende suspender a pisoagem para se lançarem ou se retirarem as mantas da masseira.

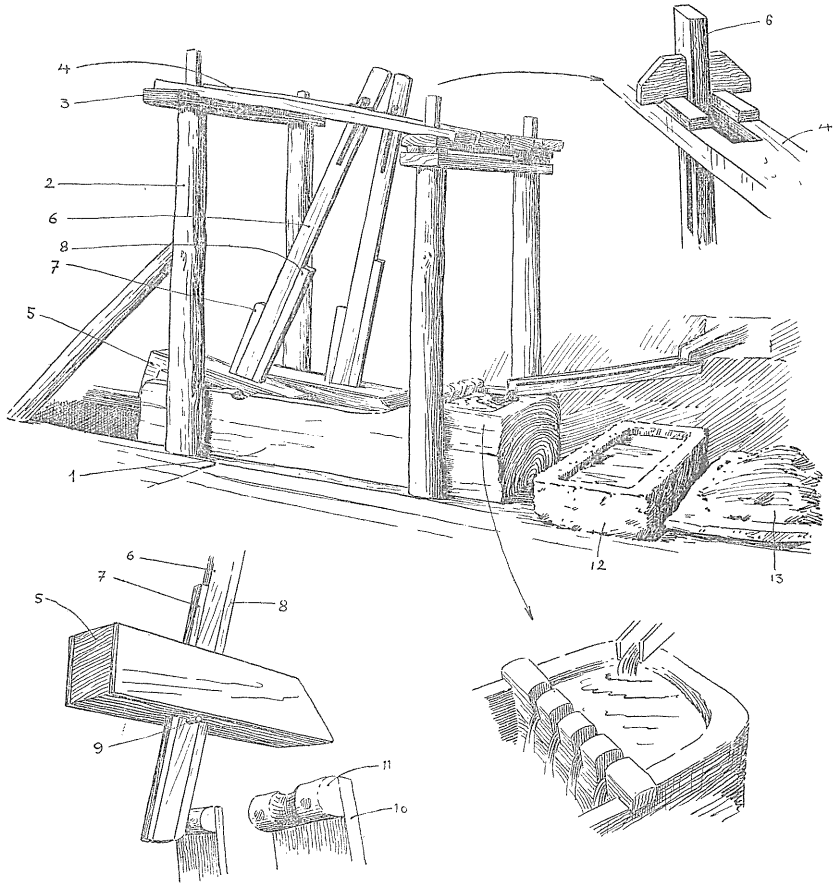


Fig. 8 — Pisão de Trinta (Guarda)

- | | | |
|--------------|---------------|---|
| 1 — Masseira | 6 — Braço | 11 — Cabeçote |
| 2 — Pégão | 7 — Fecho | 12 — Pia da greda |
| 3 — Travessa | 8 — Sobarbo | 13 — Pedra ladeira sobre a qual
está a greda |
| 4 — Porca | 9 — Cavalo | |
| 5 — Maço | 10 — Dobadura | |

A armação donde pendem os *maços* é formada por quatro *pégões*, simples varas de castanho grossas e descascadas, pelas

travessas que as unem na parte superior, e *porcas* onde se abrem os rasgos pelos quais passam os *braços* dos maços. Estes são constituídos pelos malhos pròpriamente ditos, com cerca de 1,40 m de comprimento, 0,30 m de largura, e 0,35 m de altura, apoiados nos *cavalos* que atravessam os braços, e apertados contra estes, de um lado, pelos *fechos*, e do outro, pelos *sobarbos*, cuja ponta inferior é empurrada pelos *cabeçotes* das *dobadouras*, e que impedem também o avanço demasiado dos maços ao baterem na face inferior da masseira.

Estes *sobarbos* diferem das peças correspondentes que vimos nos demais pisões descritos; não apresentam as patilhas largas que oferecem maior campo ao encosto das *dobadouras*, que, pelo seu lado, estão munidas, nas suas extremidades, de *cabeçotes* arredondados, presos a elas por tornos de madeira. Com o uso, estes *cabeçotes* vão adquirindo um entalhe profundo a meio.

Neste pisão, como aliás em alguns dos outros que descrevemos, existem umas peças ou tábuas adaptadas dos lados dos maços e da masseira, que vão corrigindo o desgaste destas últimas pela fricção.

O pisão está montado a um canto do edificio, que é de planta sensivelmente quadrada, e logo atrás da masseira fica a *pia* de pedra onde se prepara o *chôrro*, ou seja a mistura de greda e água que se emprega na lavagem das mantas no pisão. No canto a seguir amontoa-se a greda, sobre uma pedra ladeira e lisa; um sistema simples de caleiras de madeira traz, quando é preciso, a água do exterior para a pia da masseira ou para a do *chôrro*.

A *precha* (percha), simples vara grossa, descascada e redonda, de madeira, donde penduram as mantas em peça para a cardação, está lançada entre duas paredes; atrás dela, a um canto, fica o estrado onde pousam a «*encherça*» ou tecido em peça que vem do tear; e no canto oposto, a lareira onde os pisoeiros

preparam a sua magra refeição. Para dormirem, basta-lhes o chão.

A roda que move o pisão fica no exterior; é larga, os braços são duplos, e as várias tábuas que formam a *abadura* estão ligadas por peças de ferro. É posta em movimento por um pejadouro semelhante aos dos demais pisões descritos.

7) *Pisão do Félix (S. Julião, Bragança)* — Instalado na Ribeira das Maças, nos confins da fronteira bragançana, e não diferindo

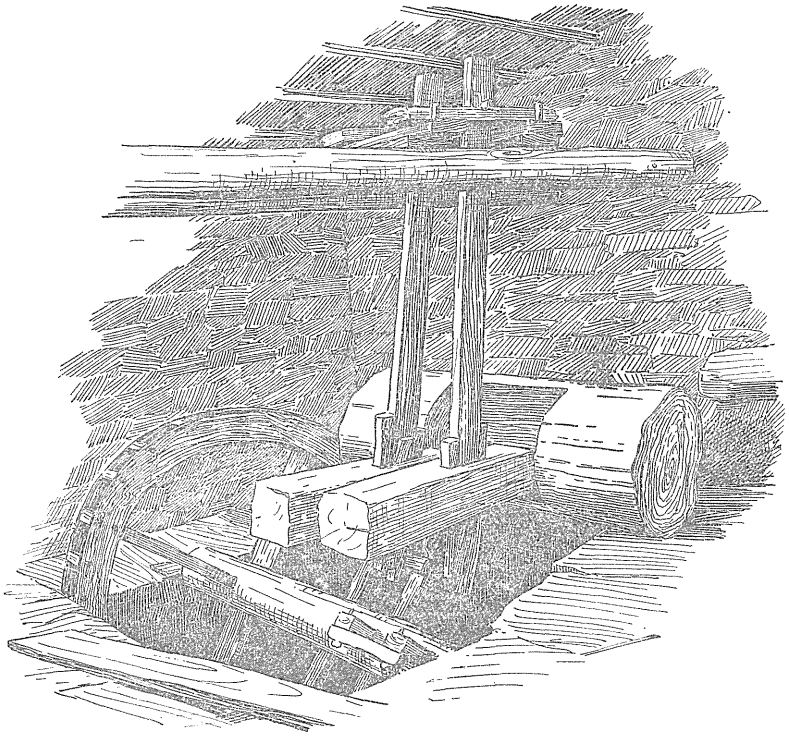


Fig. 9 — Pisão de S. Julião (Bragança)

dos atrás descritos no que diz respeito ao engenho de apisoamento pròpriamente dito, este pisão apresenta, como dissemos, a parti-

cularidade de ter a roda motora impulsionada por baixo, e instalada dentro do edificio (fig. 9 e Est. I, n.º 2). Este pormenor, vulgar na região leonesa fronteiriça, e noutras terras espanholas, mas único nos pisões portugueses que conhecemos, explica-se, como também dissemos, pelo facto de o seu construtor ser de nacionalidade espanhola. A roda tem cerca de 2 m de diâmetro, e 24 palhetas espessas, seguras às abas por tornos de pau; quatro delas são os próprios braços.

Os malhos, com 25 cm de altura por 35 cm de largura e 1,20 m de comprimento, e com a face anterior denteada, estão presos aos *tirantes* que pendem de duas traves lançadas entre as paredes, no mesmo sentido do movimento dos malhos. Às *naspas* (palas) que empurram os tirantes, são formadas não por uma peça única, como nos demais que estudamos, mas por pares de barrotes com uma tábua atravessada nas pontas, e aí firmada por cavilhas de pau. A masseira é um pedaço de tronco com 1,50 m de comprimento por 0,65 m de diâmetro, no qual se abre uma pia de 0,50 m de fundo (1).

8) *Pisão de Alvaredos (Vinhais)* — Excepto no que se refere à roda de água, que é exterior, este pisão é praticamente igual ao anterior, com os *malhos* suspensos das *cambotas*, presas com *chavelhas*. As *cruzes* (alas) são taboões maciços.

Havia duas caldeiras neste pisão: uma para a água quente e outra para a fria.

(1) Este pisão deixou de funcionar há cerca de dois anos, e encontra-se nele ainda uma cherga para enfortir, que aguardava outras que perfizessem o comprimento necessário para *dar piada* (26 a 30 varas).

9) *Pisão de Ázere (Tábua)* ⁽¹⁾ — Este pisão é de *maços* suspensos de uma armação de prumos e travessões, idêntica às já descritas. Os *maços*, denteados na frente, têm 1,60 m de compri-

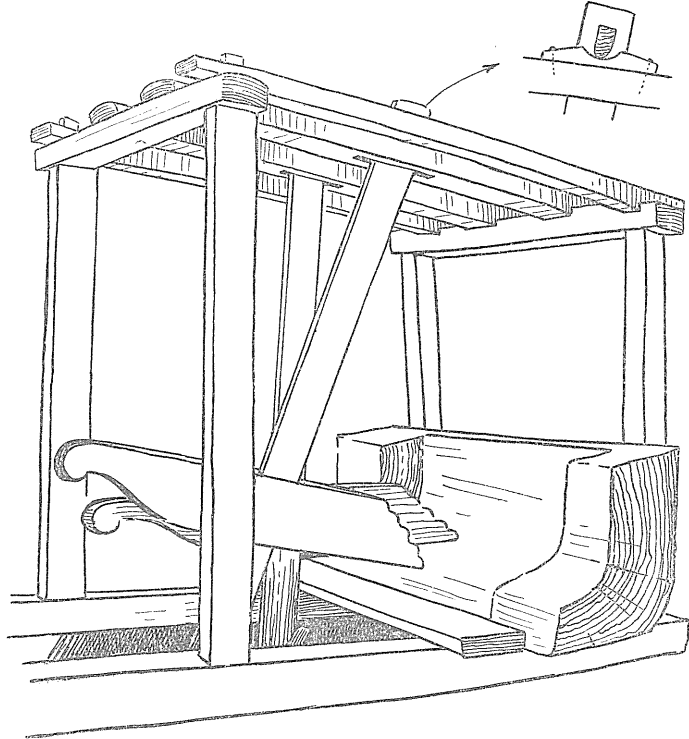


Fig. 10 — Pisão de Ázere (Tábua)

mento, com um remate arredondado, em forma de pega, na ponta posterior. A masseira tem uma pia de 1,50 m de comprimento por 0,45 m de fundo (fig. 10).

(1) Este pisão, já abandonado, é talvez o que resta dos que, ainda não há muitos anos, existiam na região de Oliveira do Hospital, nomeadamente no «rio» de Cavalos, e aos quais alude o Guia de Portugal (3.º Vol., Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta — Lisboa, Biblioteca Nacional, pgs. 866).

10) *Pisão manual de Cebolais (Castelo Branco)* — Já nos referimos ao pisão de Cebolais, movido a braço, que nos foi descrito por um seu antigo pisoeiro, hoje operário da indústria de lanifícios daquele centro. O maço, suspenso de cima, tinha uma pega transversal na ponta posterior, que o homem empunhava, e pesava cerca de 50 quilos.

II — Pisões de pancada vertical (malhos articulados numa armação situada atrás da pia)

1) *Pisão de Matadegas (Caramulo)* — Neste pisão, todo em madeira do cerne de carvalho, a *masseira* é um pedaço de tronco muito grosso — tem na parte mais grossa, de secção quadrada, 0,70 m de lado — sólidamente assente na beira do cabouco em posição inclinada. Nessa ponta está escavada a pia; e na outra, firmemente espigada, ergue-se uma peça espessa de madeira, a *porca*, nas fendas da qual entram as *hastes*, que nelas têm o eixo, a que chamam *toiral*. As hastes são guiadas, um pouco mais adiante, por três barrotes que servem simultâneamente de pernas à *banca* sobre a qual estiram o pano. Às pernas exteriores chamam *virges*, e à do meio *bailão*, por ficar solta. Se a fenda entre a virge e o bailão permite folga demasiada aos movimentos das hastes, amarram a estas umas taliscas de madeira, da espessura precisa.

As hastes, ao contrário do que sucede nos pisões de pancada horizontal, avançam quase horizontalmente até adiante da pia da masseira, onde recebem o impulso das *cravelhas*, pequenos traços dum toro de pinheiro novo, espigados nas pontas das *dobadoiras* (fig. 11). O encosto das cravelhas não se faz directamente nas hastes, como já víamos em outros pisões, mas nas *línguas*, que, com os *chaços*, dão o aperto dos *maços*. As línguas servem, além,

disso, de batente na beira da masseira, não deixando que a pancada dos maços atinja o seu fundo.

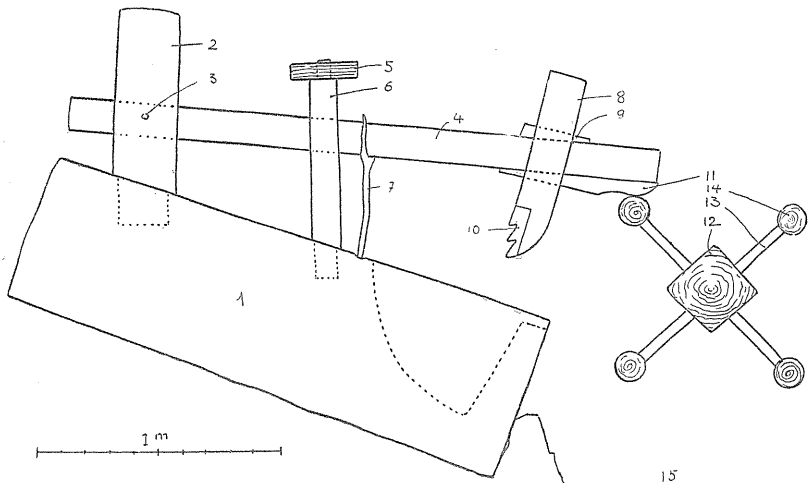
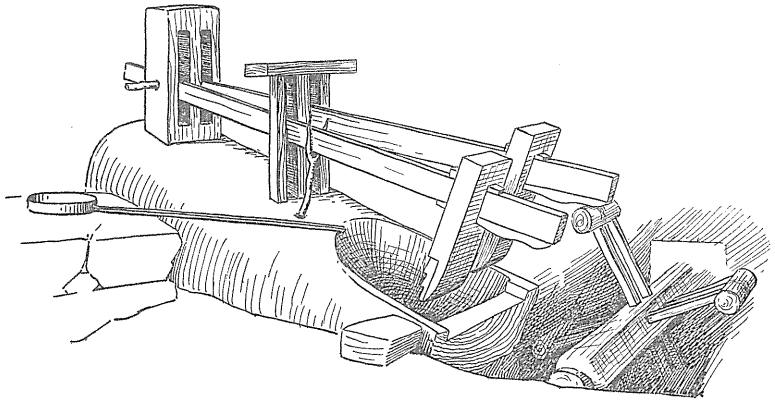


Fig. 11 — Pisão de Matadegas (Tondela)

- | | | | |
|--------------|-------------------------------|-------------|-----------------|
| 1 — Masseira | 5 — Banca | 9 — Chão | 13 — Dobadoiras |
| 2 — Porca | 6 — Virges, e a meio o Bailão | 10 — Dentes | 14 — Cravelhas |
| 3 — Toiral | 7 — Sustento | 11 — Língua | 15 — Cabonco |
| 4 — Hastes | 8 — Maços | 12 — Eixo | |

Mesmo junto à masseira fica a *fornalha*, com a *caldeira*. A água cai em bica fina dentro desta, por uma calha de madeira; sai por

um buraco, seguindo, por outra calha, continuamente, para a masseira.

A roda, que fica no exterior, é accionada por queda de água, e tem 2 m de diâmetro; compõe-se de tábuas, montadas em quatro *braços*, entre as quais ficam os *copos*, e é munida de um *pejadouro*, como as azenhas. Chamaram *sagros* às quatro peças espessas que formam os aros.

A pia leva trinta e cinco metros de burel.

Na região, em Albitelhe, Campia, no Souto (Oliveira de Frades), etc., havia vários pisões, que, pelas informações colhidas, eram iguais a este (1).

2) *Pisão do rio Teixeira (Arões, Cambra)* — Este pisão, situado numa zona a norte do Vouga, fronteira ao Caramulo, é, como o de Matadegas, de pancada vertical (fig. 12). De melhor acabamento que este, poucas diferenças de construção mostra. Aparecem porém nele duas peças encurvadas, as *ateçadeiras*, cada uma articulada a uma haste, as quais, a cada descida, dão pequenos empurrões ao pano que está na masseira (2).

Na pequena reprodução do pisão de Guidões (Santo Tirso), (fig. 13), a que fizemos referência, que tem uma semelhança notável com este pisão do rio Teixeira, aparecem também peças com a mesma função, chamadas *avecas*, sem dúvida porque lembram

(1) No Arquivo do Distrito de Aveiro, vol. VI (Aveiro, 1940), págs. 255/256, faz-se referência — com um desenho — a um pisão, em Macieira de Alcoba, nas faldas da Serra do Caramulo, a Noroeste, que era também de pancada vertical. O eixo da roda grande é aí chamado *veio*, e o pequeno eixo onde giram as hastes dos maços, a que em Matadegas chamam *toiral*, é aqui denominado *esteiral*.

(2) Parece que nos pisões do Alto Paiva havia também um dispositivo do eixo da roldana que ia virando lentamente a peça. (C. Manuel Fonseca da Gama, Terras do Alto Paiva, Lamego, pág. 63). Contudo, pela descrição do engenho, é duvidoso se se trata de um pisão de pancada vertical.

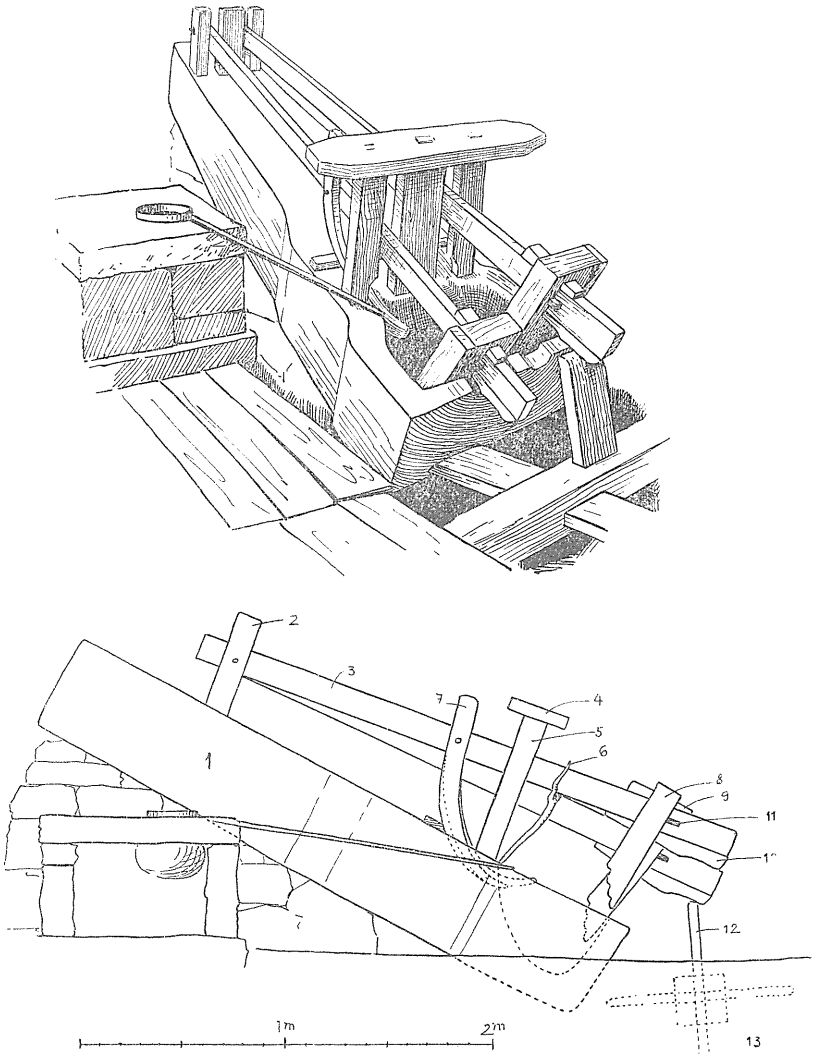


Fig. 12 — Pisão de Arões (Cambrá)

- | | | | | |
|--------------|-------------------------------|-----------------|----------------|-------------|
| 1 — Masseira | 4 — Mesa | 6 — Descanso | 9 — Pescalços | 12 — Hastes |
| 2 — Rabadão | 5 — Hastes (dentro, o mourão) | 7 — Ateçadeiras | 10 — Lavadeira | 13 — Xagão |
| 3 — Hastes | | 8 — Maços | 11 — Merendas | |

aquela peça do arado, que têm uma forma semelhante. É pois de admitir que a volta do pano nos pisões de pancada vertical não

se dê com a mesma facilidade e regularidade com que se dá nos de pancada horizontal, e seja aconselhável auxiliá-la com estas peças, que se vêem em alguns deles.

Processos de apisoamento

De acordo com os «Regimentos» de 1573 e 1724, o apisoamento, que era precedido da lavagem do pano com greda, como

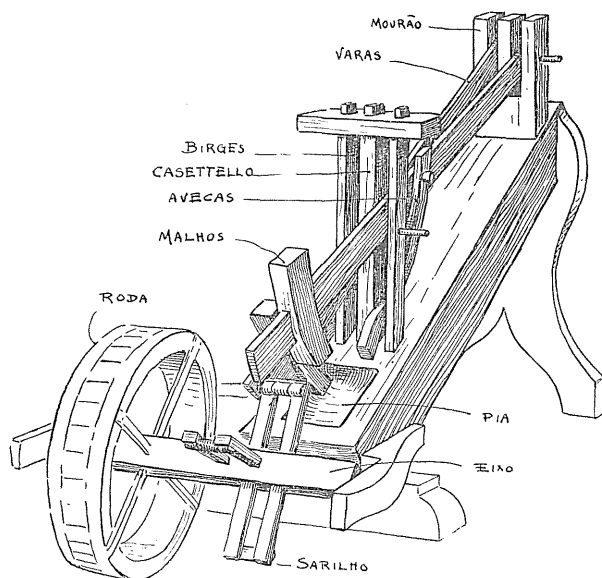


Fig. 13 — Pisão de Guidões (Santo Tirso)

Reprodução existente no Museu de Vila do Conde

dissemos, e do seu «envezamento» e carda do avesso, devia fazer-se segundo as seguintes regras e ordem: cardado o pano (dozeno) do avesso, o pisoeiro enchia a caldeira de água clara e limpa, sem lhe deitar dentro material algum de cinza nem sabão; e quando essa começava a ferver, punha o pano na pia, e soltava o pisão, ao mesmo tempo que com uma vasilha e grande vigi-

lância, ia deitando a água fervente no pano, e conduzia a água fria para a caldeira, «em compasso necessário». Seguidamente, dava-lhe um «banho de sabão», e, passados momentos, desembrulhava-o e despregava-o, e assim desembrulhado voltava a deitá-lo na pia, seguindo-se-lhe «outro e outros banhos de sabão», até o pano fazer escumas limpas (1); «e andará desta maneira até que se embeba e recolha em si o terço pouco mais ou menos, e desembrulhando o pano sempre muito a miúdo para que se não pegue nem faça mais em uma parte que em outra»: e depois que for acabado de enfortir, o pisoeiro lhe tirará a água quente, e lhe deitará água fria em muita quantidade, e o deixará andar com ela até o pano ficar bem lavado, e esfriar, e depois o tirará da pia e o recolherá em uma parte em que esteja escorrendo da água assentado do avesso. Terminada esta fase da operação, o pisoeiro porá então o pano na prancha, e o cardará todo em face; «e acabado de cardar o pano no cavalo de pau, o não enxugará no dia em que acabar de o cardar, senão ao outro logo seguinte, para que o pano faça assente algum da lã, e o estenderá e enxugará deitado no chão, sem o estirar».

Estes «Regimentos» que no dizer dos próprios monarcas que os promulgaram, foram redigidos «precedendo... todas as informações necessárias que sobre esta matéria (mandaram) tomar por pessoas de inteligência e confiança e ouvidos os povos e câmaras das terras principais destes Reynos», não só prescrevem as regas a observar futuramente na pisoagem, mas devem também representar a codificação da prática anterior corrente nessa operação. Contudo, nenhuma referência neles encontramos quanto ao emprego da urina na lavagem e pisoagem dos panos, que, como

(1) A este respeito, notamos, num recente documentário cinematográfico sobre o Saára, um curioso processo indígena de lavagem da roupa, em que um nativo a calca com os pés, encharcada num banho de sabão.

veremos, devia apesar de isso ser então muito usual; e por outro lado, dentre os poucos pisões ainda em actividade, apenas num ou noutro parece notarem-se raros vestígios do processo de pisoagem prescrito. É possível que esta regulamentação tivesse sobretudo em vista os pisões situados em centros industriais de maior importância; de facto, vimos que o «Regimento» tinha sobretudo em vista a melhoria da produção nacional de panos finos, de modo a dispensar a sua importação do estrangeiro; e que, embora vise também os pisões dos lugares ermos, expressamente estabelece distinções, abrindo uma excepção para os pisões que só fabricavam panos grosseiros, que podiam cardá-los no pisão e eram dispensados da «casa da percha». O certo porém é que a ausência de vestígios daquela regulamentação é quase tão sensível nos pisões que vemos perdidos nas serras, enfortindo grosseiros buréis e mantas caseiras, como nos que se situam em regiões industriais, e que nuns e noutros os processos de pisoagem são semelhantes e tão primitivos como o próprio aparelho. É pois de presumir que ela tenha caducado há já muito tempo, de facto ou expressamente, talvez ao mesmo tempo ou como consequência da extinção das corporações.

De um modo geral, por toda a parte se usa a água, fria ou aquecida na caldeira anexa, para a lavagem do pano e para a pisoagem. Vimos que, para estas operações, os Romanos usavam a greda misturada com urina humana, de que para tal fim recolhiam grandes quantidades. Cortes Vazquez, numa sobrevivência notável e que lhe parece constituir um arcaísmo único na Europa, encontra, no pisão da Horcajada, como em Roma, a urina humana, que os pisoeiros recolhem pelas casas do «pueblo», na composição do ingrediente específico da pisoagem — o «ruche —, juntamente com excremento de porco — o «moñigo» — e soda; o «ruche», que se prepara numa cuba ao lado do pisão, deita-se sobre o pano com bacios ou baldes, até que este fique bem empa-

pado, ao mesmo tempo que se vai gradualmente intensificando o ritmo da pisoagem.

Na maioria dos nossos pisões, actualmente, utiliza-se para a lavagem e pisoagem dos panos apenas a água, nuns quente, noutros fria; mas vimos que no citado «Regimento» se prescreve a lavagem com gredas, «muito finas e conhecidas por boas», recomendando-se mesmo, dada a sua raridade, que estas «se não tolham nem possam tolher», antes «as deixem livremente cavar e tirar de qualquer lugar e parte onde as houver e se puderem achar, sem a isto ser posta dúvida nem contradição alguma»: «O Pizoeyro deitará ao pano... toda a greda necessária para que seja bem lavado, e o deixará andar na pia com a greda todo o tempo necessário, desembrulhando-o quatro vezes antes de ser acabado de lavar». No relatório de Fradesso da Silveira são muito frequentes as menções ao uso da greda para a lavagem, desengordura ou desazeitamento das lãs ou tecidos, nos pisões; ainda em nossos dias, era assim que se fazia a lavagem inicial do pano no pisão do Barranco dos Pisões, hoje em ruínas, e que acima descrevemos; e a prática mantém-se nos pisões de Trinta, numa zona industrial da Serra da Estrela (1).

No referido «Regimento», o uso da cinza — as «cenradas» — é formalmente proibido; mas ordenam-se, como vimos, vários «banhos de sabão» ao pano, no decurso da pisoagem.

Finalmente, a urina humana — e em especial a urina em decomposição, fazendo as vezes de um soluto amoniacal — era também usada, há ainda pouco tempo, em alguns dos nossos pisões, como por exemplo o de S. Julião (Bragança), e outro que existia na Foz do Cobrão — um dos doze pisões de Vila Velha do Ródão —; aí, recordam-se mesmo da serviçal do pisoeiro, que reco-

(1) Era esse, de resto, o processo prescrito em outros países, v. g. a Flandres (vide pág. 72, nota 1).

Ihia a urina da vizinhança para a indústria do patrão, e a quem, por isso, chamavam a «Joaquina do mijo». Esse ingrediente utilizava-se, de modo semelhante, e correntemente, na indústria das lãs em geral, tanto para a lavagem e desengorduração das ramas e tecidos, como para a preparação de tintos, sendo, como veremos, muito numerosas as referências a estes usos no inquérito de Fradesso da Silveira, que respeita à segunda metade do século XIX, por vezes em termos muito parecidos com os que Cortes Vazquez encontrou na Horcajada; e é curioso notar que o seu emprego se verificava mesmo, então, em fábricas qualificadas (1), que há ainda escassas dezenas de anos, como o rústico pisoeiro de Foz do Cobrão, mandavam pelas casas particulares recolhê-la para o seu consumo industrial. De resto, a utilização da urina humana para lavagem e branqueação de roupa é ainda conhecida e praticada entre nós em outras actividades caseiras, nas mesmas condições em que o era nos pisões; na Serra de Albardos, no concelho de Alcanena, para tirar da roupa as nódoas de gordura, deixa-se esta ficar de molho até ao dia seguinte numa mistura de água com borras de azeite, excremento de porco e de galinha, e urina podre, que se denomina «infundícia»; no outro dia ela é aí esfregada, e passada depois por água limpa, a que se dá o nome de «esfrega-

(1) Segundo Fradesso da Silveira, passim, em Beja clarificavam as saraçoças «coradas», i. e., da cor natural da lã, com urina. Nas fábricas de Portalegre, as lãs em rama eram lavadas num banho de água com urina (pág. 70); e depois metidas num grande cesto de madeira e junco meio mergulhado em água corrente, e mexidas até que ficassem bem claras; esta operação era feita por dois homens munidos de bastões, que se colocavam aos lados do cesto, e com esses bastões agitavam a lã; esta perdía, no final de tais operações, 50 a 60 0/0 do seu peso bruto inicial. Na Covilhã, a lã em rama era «desensugada», i. e., lavada da «suarda», num banho de água quase fervente, ou numa solução de potassa, urina, e outros corpos alcalinos, onde um operário a volteava com um forçado de pau; e seguidamente, por um processo semelhante ao que se usava em Porta-

dura» (1); no Alentejo, semelhantemente, usa-se a urina misturada com «borregada» (excremento de borrego), para tirar as nódoas à roupa branca, dando-se a essa mistura o nome de «fondiça» (2); e em alguns lugares do Minho, a urina entra na composição da «barrela» da roupa branca; etc. E parece-nos fora de dúvida a relação que existe entre estes costumes e a prática geral antiga dos pisoeiros, a qual por sua vez se funda certamente no preparado que os Romanos empregavam nos seus pisões para fins idênticos, que aparece, na sua forma e significado originários, entre nós, na Foz do Cóbria e em S. Julião; e, em Espanha, na Horcajada.

Processos de apisoamento nos diversos pisões portugueses que ainda trabalham

Pisão de Bucos (Cabeceiras de Basto) — A primeira coisa que o pisoeiro faz quando o freguês traz o pano, é medi-lo, usando uma vara como medida. Conhecedor do encurtamento que o pano sofre durante a operação, aponta o comprimento que ele deve ter depois de pronto, e que quase sempre corresponde a um número certo de mantas ou capuchas. O tecido será pois retirado do pisão quando atingir essa medida, mesmo

legre, para a lavar deste banho, tirava-se com aquele instrumento, sem lhe tocar com as mãos, para cestos colocados dentro de um ribeiro de água corrente, de forma que esta passasse através, e aí a bandeavam (págs. 94-95).

(1) Cfr. F. Santos Serra Frazão, *Sucinto Vocabulário*, Coligido numa aldeia da Serra de Albardos, concelho de Alcanena, in: *Rev. Lusit.*, Vol. 36, Lisboa, 1938, pág. 133.

(2) Cfr. A. Thomaz Pires, *Vocabulário alentejano*, in: *Rev. Lusit.*, Vol. x, pág. 89.

que para isso tenha de ficar com um aperto incompleto, pois um encurtamento maior prejudicaria o freguês, que não poderia fazer as peças desejadas. O encurtamento é maior ou menor em resultado de vários factores, mas o principal é o maior ou menor aperto da tecelagem.

O pano (ou panos, de um ou mais fregueses) deita-se no gualho, acamando-o em todo o comprimento da pia, em voltas sucessivas. Rega-se em seguida abundantemente com água fria trazida da caldeira com um regador, e ao mesmo tempo põe-se o pisão a trabalhar. Esta primeira fase não passa de uma lavagem. Durante cerca de uma hora, as pancadas dos malhos expulsam muita porcaria gordurenta, e *ludro* da lã. Também se pode empregar água morna para esta lavagem; com ela, o tempo reduz-se a metade, mas «não é tão bom para o pano». O *ludro* da lã é lavado e aproveitado para a confecção de novas mantas, fiado e tecido, à mistura com lã ou estopa.

Quando esta lavagem está pronta, acende-se a fornalha, e, enquanto a água vai aquecendo, tira-se o tecido do gualho, pousa-se sobre a plataforma à sua retaguarda, e «encarta-se» cuidadosamente sobre o rolator, esticando-o bem para os lados puxando-o pelas ourelas.

Volta-se a dispor o tecido na pia, sempre da mesma maneira, rega-se fartamente com água pouco quente, e deixa-se apisoar durante duas horas. As pancadas e a forma dos malhos em cunha, vão virando a massa compacta do tecido; mas para isso é preciso haver na pia uma certa quantidade de água, embora pequena; daí, a forma ligeiramente côncava do seu fundo. Durante este período de duas horas, o pisoeiro não tem cuidados: pelo que nos informaram, nunca o pano se enovela, não havendo o perigo de ser rasgado pelos malhos. Por isso, o pisoeiro, nesta fase, muitas vezes fechava o pisão à chave, para não lhe roubarem o pano, e ia à sua vida, até mesmo à missa, se lhe calhasse.

No fim das duas horas, torna-se a tirar e a encartar o pano, coloca-se outra vez na pia, rega-se com água mais quente, e deixa-se apisoar mais tempo — cerca de quatro horas. Estas operações repetem-se, alongando cada vez mais os períodos de apisoamento, e aumentando a temperatura da água, que no fim se deita quase a ferver.

È nestas saídas do pano, e quando o julgam já próximo de pronto, que o passam a medir, de modo a não o deixarem encurtar mais que o cálculo feito de entrada. Conhecem pelo aspecto, à vista, quando o tecido está bem apertado; vão pois retirando do gastalho as peças de pano que consideram pronto, deixando lá as outras. Aquelas são estendidas ao sol, a secar, e enroladas à mão, visto que não têm sarilho para esse fim.

O gastalho deste pisão pode apisoar 45 «varas» de burel, de cinco palmos cada «vara» (1). A carga vulgar é de 40 «varas», e a duração da operação regula doze horas; mas se a lã é dura, de carneiros não tosquiados todos os anos, ou de sua própria natureza — e esta pode acusar a influência dos pastos — pode levar muito mais tempo, atingindo mesmo, às vezes, as 24 horas.

Pisão de Trinta (Guarda) — Este pisão só pisa, pelo menos hoje em dia, mantas — cobertores da Serra, e mantas de pastores da região — produtos da indústria local, da povoação de Trinta, que já é mencionada no inquérito de Fradesso da Silveira.

Essas mantas em «cherga», que vêm do tear em peça ligadas umas às outras e apenas com uma trama mais rala, que rasga com facilidade, a marcar a separação de cada uma, são postas em cima do estrado que se vê a um canto do edificio, e aí espe-

(1) Fradesso da Silveira indica, no distrito de Coimbra, uma unidade especial para os bureis e picotilhos — o «rolo» — que regula por 165 m.

ram a vez de serem «chegadas». Uma dessas peças, com cinco a dez mantas, é deitada na masseira e regada abundantemente com a mistura de água e greda — o «chôrro» — que está na pia de pedra atrás da masseira, e que se agita, de cada vez que se emprega, com uma sachola, para levantar a greda depositada no fundo. Esta greda é comprada fora da terra, e está amontoada, como dissemos, a um canto, atrás da pia.

As mantas, embebidas no chôrro, são batidas durante uma hora no pisão, passada a qual, sem parar o pisão, se lavam, conduzindo para a masseira a água que vem de fora, pela deslocação da caleira. O bater dos malhos, e a sua forma afunilada à frente, vão voltando o pano, que é assim todo batido por igual; ele é retirado da masseira de vez em quando, aparecendo então enrolado como um cordão; e, desenrolado e aberto, volta de novo para a masseira, onde é lançado a esmo, sem qualquer jeito especial. A pisoagem termina quando, pela grossura adquirida, que se sente ao tacto, os pisoeiros vêem que as mantas «estão chegadas», isto é, «fortes», ou seja, devidamente enfortidas. Ela dura geralmente 6 a 7 horas.

Pisão do Félix (S. Julião, Bragança) — Neste pisão não se empregava água quente, a não ser que a *cherga* viesse muito azeitada ou porca; e usava-se também a urina humana. De cerca de oito em oito horas, o pano tirava-se, estendia-se na mesa de pedra que havia ao lado, lavava-se, e atirava-se de novo para a masseira. A pisa completa, para buréis e mantas, durava, conforme os panos, vinte e quatro a quarenta e oito horas, e a tarifa era de quatro escudos por vara, ou mais. Para o pano de capotes de homem, bastava meia pisa, a três escudos por vara; e para o pano dos xailes das mulheres, um quarto de pisa. Durante a pisa, o pisão funcionava sòzinho, e não era necessário ninguém a vigiar a operação.

Para *dar piada*, a cherga, neste pisão, deve ser de um mínimo de vinte e seis a trinta varas de pano; e o pisoeiro entende que ela deve estar bem azeitada, sem o que o pisão não a volta.

Pisão de Matadegas (Caramulo) — A pisoagem, neste pisão, começava no verão com água fria e no inverno com água morna. A água corria permanentemente, e com a continuação, ia sendo usada cada vez mais quente. Davam *caldas* de duas em duas e até de quatro em quatro horas. Um pisão completo, para mantas e buréis, levava cerca de vinte e quatro horas, e cobravam dois escudos por metro. Para saias de mulher, calças e fatos de homem, etc., davam *três quartos, meio* ou *um quarto de pisão*.

Pisão do rio Teixeira, Arões — Além das fazendas do costume, este pisão apisoa também *pelo de cabra*. Este pano aperta mais depressa, mas exige uma presença constante, pois, não tendo «azeite», *pega* muito; tem mesmo de levar mais *caldas* que o da lã. O burel da fábrica é também difícil de apertar, exigindo muito tempo.

O burel vem enrolado do freguês. O pisoeiro desenrola-o e deita-o na masseira, não encartado, mas todo «esbangalhado», e a pisoagem começa com muita água quente — «quanto mais quente, melhor». Fica assim, com a água a correr, cerca de hora e meia, fazendo-se então a primeira calda. De entrada as caldas são menos espaçadas, porque o pano *pega* muito. Quando o burel está pronto, dão-lhe uma lavagem forte, deixando correr muita água para a caldeira e desta para a masseira, batendo assim com muita água durante dois minutos. Tira-se então o pano, encarta-se na mesa, e enrola-se no *orgo*. Daí vai para o sol, estendido em arames. Um dia de sol seca-o. É então medido e enrolado.

Aqui, ao contrário do que sucede na generalidade dos nossos pisões, o pisoeiro, durante a operação, não se afasta do pisão, porque pode acontecer qualquer acidente, designadamente faltar a água, e estragar-se o pano. Cobrava um escudo e oitenta centavos por metro.

Processos de apisoamento usados nos demais pisões portugueses

O processo de apisoamento usado nos outros pisões de que aqui nos ocupamos, pouco devia afastar-se, nas suas linhas gerais, destes que descrevemos. Notaremos apenas algumas particularidades, próprias de cada um deles, que assinalamos.

Assim, no pisão de Castro Daire, disseram-nos que não gostavam de trabalhar com pouco tecido, pois o pisão só funciona bem com um número mínimo de 50 «varas» de burel na masseira; e em S. Julião o pisoeiro entende que o pisão só *dá piada* com um mínimo de 26 a 30 varas de «cherga».

No pequeno «fulão» de Amonde, «davam a volta» ao pano de meia em meia hora, estendendo-o e esticando-o sobre a doba-doira, de um modo semelhante ao que vimos em Bucos. Era ali costume começar-se logo com água morna; conheciam que o pano estava pronto pelo «fechado» do tecido, à vista ou pelo toque. As 18 ou 20 braças de burel que cabiam na pia levavam cerca de 10 horas a «afuloar».

O pisoeiro de Bustêlo conhece que o tecido está pronto pelo toque, o também porque nessa altura a pancada dos malhos o levanta.

No pisão de Monchique, como dissemos, como no de Trinta, quando a *roupa* (pano) estava muito *suja* (engordurada), batia-se

durante um certo tempo com a mistura da água e greda, que se preparava na respectiva *caixa*.

O pano pronto e seco é enrolado, para assim o entregarem ao freguês. Esse enrolamento faz-se geralmente à mão, mas em certos pisões há um aparelho próprio para essa operação, como o *sarilho* do Barranco dos Pisões, e o *orgão* da Fonte Branca (fig. 14). Os dois pisoeiros do pisão de Trinta, como dissemos, finda a pisoagem, cardam as mantas, suspendendo-as em peça da

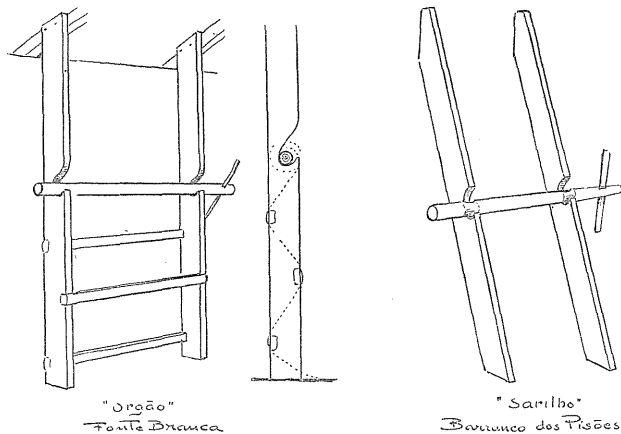


Fig. 14

precha, e prendendo com os pés a parte ainda por acabar; correm então a manta com cardas de mão, à força de braço, e quando acabam essa manta, rasgam a peça na altura própria, e recomeçam com a manta a seguir. Terminada a obra, compete-lhes ainda transportarem as mantas ao industrial que lhas dera a enfortir, o que fazem a burro, galgando a íngreme encosta desde o rio à povoação. E é de notar que já Fradesso da Silveira diz que, por costume, é aos mestres de pisão que compete a obrigação do transporte dos panos para o pisão.

Embora fossem sobretudo as mantas e o burel que ocuparam os pisões, até aos últimos anos quase todos os tecidos de lã passavam por eles, para lavagem e maior ou menor aperto (1). O pisoeiro de Bucos contou-nos mesmo que, durante a guerra de 1914/18, a escassez de lanifícios fez renascer a indústria caseira, e quase todo o pano usado para calças, casacos, capotes, e mesmo blusas, passava pelo pisão, sofrendo um aperto maior ou menor, conforme o género e destino do tecido, mas que demorava sempre entre uma e meia a duas horas e meia.

A propósito dos pisões da Horcajada e da Sanábria, Cortes Vazquez fala no perigo dos panos se pegarem às paredes da masseira e se immobilizarem, ou de, tendo-se enovelado excessivamente, não se voltarem bem, e poderem rasgar-se. Isso, que reputa «o terror dos pisoeiros», que os obriga a uma constante vigilância, acusa-se pelas pancadas dos maços, que tomam, naquelas condições, uma sonoridade especial: na Horcajada, diz-se que o pisão «trompea», e em Trefacio, que «golpea»; e torna-se necessário colocar o tecido novamente na masseira, em condições. Entre nós, na maioria dos casos, desconhecem-se esses perigos e cuidados; vimos que os pisoeiros de Bucos, quando o pano, finda a lavagem, está na masseira a ser própria-mente pisado, deixam-no ali ficar abandonado sem qualquer vigilância, e vão-se embora tratar de outras coisas que porventura tenham que fazer por fora, regressando ao pisão apenas passadas as horas que calculam necessárias. Contudo, como dissemos, o pisoeiro do pisão de Arões, no rio Teixeira (Vouga), não saía do pisão durante a pisoagem, «porque», dizia ele, «podia surgir qualquer coisa», e designadamente faltar a água e estragar-se o pano. E é de notar que as instruções do «Regimento»

(1) E, como dissemos, muitas vezes se levavam ao pisão, para enfortir, panos usados, gastos ou esburacados.

de D. Sebastião recomendam que o pano se desembrulhe a miúdo, «para que não se pegue».

No relatório de Fradesso da Silveira, por sua vez, encontramos ainda os seguintes processos de pisoagem:

Nos pisões de Alvito, Almodóvar e Serpa, a cherga desazeitava-se com greda ou barro, envezava-se, e apisoava-se envezada dentro de água quente.

Nos pisões do distrito de Coimbra, os panos deitavam-se à masseira depois de se terem mergulhado num banho de água e urina; e, durante a pisoagem, saíam várias vezes para fora, para serem esticados com paus de espalmar, convenientemente dispostos. A operação não tinha a mesma duração para todos os panos: para as baetas eram precisas 20 horas; para as saragoças e panos riscados, 24 a 40; etc. De um modo geral, pode dizer-se que os panos feitos com fio de roca e fuso necessitavam de uma piscagem mais demorada do que os feitos com fio de roda. Quando se considerava o pano suficientemente enfortido, lavava-se ainda no pisão com água limpa, que se renovava tantas vezes quantas parecesse necessário.

Nas fábricas da Covilhã, a cherga, quando saía do tear, desazeitava-se numa mistura de urina, estrume de porco e sabão, e geralmente seguia para o pisão depois de desazeitada; eram então ainda frequentes aí os pisões de maços, e os panos pisoavam-se com sabão e urina. E nas fábricas de Portalegre, a encherga que saía do tear era desazeitada em máquinas de lavar, de modo parecido com o da Covilhã, num banho de urina, sabão e sal de soda; algumas vezes, ela era enfortida ainda azeitada, mas isso só se fazia quando os tecidos exigiam pouca pisoagem; e dava-se então a essa operação, que se fazia também no pisão, o nome de «apinhoação».

Finalmente, no distrito de Beja, ainda em fins do século XIX, em lugares onde não houvesse pisão, a cherga era batida e enforçada a braços (1).

*

* *

Lendo as descrições doutros tempos, a que aludimos, e principalmente ouvindo falar esses homens que trabalham ou trabalharam em pisões, um mundo passado parece ressurgir, na evocação de uma indumentária pitoresca e rude, e de uma economia arcaica e singela, nas suas formas artesanais e movimentos de feiras, almocreves e longas jornadas, a pé e a cavalo, por caminhos serranos. Revemos os tecelões de Goes, que faziam saragoças, bureis, picotilhos, mantas, e também estamenhas, urdidas com estopa e tramadas com lã preta, comprando lãs em Trás-os-Montes e no Alentejo, e vendendo os seus produtos nos mercados de Aveiro, das Beiras, do Alentejo e Algarve, e até de Espanha; saídos dos pisões de Alvito, de Almodóvar e de Serpa, e de Borba e Portel, revemos os cobertores e mantas, saragoças e estamenhas, os batidos e surianos, cintas, coadeiros, mandis e alforjes, das indústrias alentejanas, onde sobressaíam Redondo, Reguengos, Montemor e Arraiolos, S. Miguel de Machede e S. Bartolomeu do Outeiro, com as suas saragoças, estamenhas e cobertores; no distrito de Viseu, vemos os trinta pisões de S. Pedro do Sul, Mangualde, Oliveira de Frades, Tarouca, Fráguas, Santa Comba, etc. pisoando o burel caseiro com que se faziam os fatos dos homens, e a «tricana» das saias das mulheres. Vemos os cobertores, mantas e alforjes algarvios, e os seus buréis apisoados, de Monchique, Vila do Bispo, Lagos, Silves, Alcoutim e Castro Marim.

(1) Cfr. Fradesso da Silveira, op. cit., págs. 54, 81, 98, 99 e 72.

Na Covilhã, em Castelo Branco e em Redondo, vemos fazerem-se os briches que os mercadores de pano apresentavam na feira do Campo Grande; em Cebolais (Castelo Branco), uma importante manufactura de baetas, saragoças, buréis e xadrezes, para cobertores ou mantas, abastecia os campinos e as populações locais ou as classes pobres dos concelhos próximos; esses tecidos iam a enfortir aos pisões de Vila Velha de Ródão e de Serzedas, que pisoavam com greda para melhor extraírem o azeite da lã; mas mesmo assim, eles não perdiam um cheiro e aspereza característicos. Na Covilhã, os almocreves ofereciam aos pequenos industriais, na vila, lãs provenientes de Espanha, do Alentejo, das Beiras; existia ali, no edificio principal da fábrica real, a sala denominada *da aprovação*, que de longa data servia de verdadeiro mercado e bolsa de tecidos, onde os pisoeiros levavam os seus productos.

Evocamos os rudes pisões trasmontanos, nos ermos da raia, de Montezinho, da Lomba, em S. Julião, Maçãs, Vila Boa de Ourilhão, Alvaredos, perdidos na solidão dos montes despovoados.

Das aldeias do Alvão iam, há ainda poucos anos, os buréis a enfortir a Bustêlo, que lhes ficava próximo; mas parece que muita gente preferia o pisão de Reboredo, em Jou, na serra de Jales, recentemente destruído por um incêndio, fazendo-se as entregas dos panos em Vila Pouca de Aguiar.

Aos pisões de Bucos, acorriam as gentes de Basto, Barroso e Cabreira, com o burel para as *capuchas* serranas, *macho*, se só de lã, *fêmea*, se de lã misturada com estopa, e também com as mantas, que vendiam depois na feira de ano de Arcos de Baúlhe, de 13 de Dezembro; e era aí grande a affluência de gentes dos lados do Marão, que vinham com as suas cavalgadas, à sua procura. Também eram fregueses destes pisões as gentes de Aboim, no concelho de Fafe, com panos para as *faixas*, ou aventais de costas, que, por todas aquelas redondezas, só por ali se usavam.

Ao fulão de Amonde, mencionado na Portugália para a fula dos buréis da região, traziam da Serra de Arga as mantas de lã branca, e o burel negro, muito do qual vendiam depois em Âncora aos pescadores, para casacos ou capotes. E também lá afuloavam a fraldilha para calças de homem, tecido de lã escura urdida com linho ou algodão, e que era trazido pelas gentes de Outeiro, Perre, e Montedor.

Em Terras do Alto Paiva, vemos as gentes da Nave levarem os seus buréis serranos, para mantas, cobertores e certas peças de vestuário, aos pisões das Fráguas, onde o rio é mais caudaloso e com maiores desníveis (1).

Toda a Serra de Montemuro vai ainda hoje apertar o seu burel e as suas mantas ao pisão da Fonte Branca. Levam o tecido à Gralheira ou Campo Benfeito, onde de oito em oito dias aparece a gente do pisão, levando lá o pano que já está pronto, e para o pisão o que está para apertar.

Em Almodóvar, encontramos pessoas que costumavam ir ao Barranco dos Pisões com as suas mantas, para lhes «tirar o azeite» e «dar o aperto». Mas a esses pisões vinha gente de muito mais longe, de Mértola e Alcoutim, no extremo leste da província, com essa fazenda de lã, muito áspera, a que chamam «suriano», que ali usam.

*

* *

Os edifícios destes pisões — que se encontram geralmente longe das povoações, no final de veredas solitárias, isolados em idílicos ou agrestes recantos ribeirinhos — são sempre pequenos

(1) Cfr. C. Manuel Fonseca da Gama, Terras do Alto Paiva, Lamego, 1940, págs. 62/63.

casebres térreos, de uma extrema rudeza e pobreza de construção; acanhados e toscos, as paredes são de pedra solta, de um aparelho rudimentar e sem qualquer reboco; a cobertura do telhado fica à vista no interior, sobre um travejamento mal amanhado; o chão é geralmente de terra batida, que conserva as irregularidades do terreno. Lôbregos, escuros e descuidados, vêm-se negros do fumo, com a lenha espalhada a esmo pelo chão, a armação do pisão a um lado, em todo o seu rusticismo primitivo e grosseiro, cheia do «ludro» da lã, que nunca se limpa; aqui e ali, empoça-se a água no chão, que pinga das caleiras improvisadas; a luz entra apenas pela porta de tábuas, e por alguns raros postigos abertos nas paredes, sem vidros nem qualquer resguardo. Nas melhores instalações, a armação donde pendem os malhos compreende um «tear», que a torna totalmente independente do edificio; mas muitas vezes tal peça não existe, e as cambotas dos malhos suspendem-se de duas traves — dois simples troncos grossos e mal desbastados — passados de lés a lés entre as paredes. Neste último caso, porém, a despeito do seu extremo rusticismo, nunca essas cambotas se prendem directamente às próprias traves do telhado, sob pena, se assim sucedesse, de o desmantelarem com a violência das pancadas dos malhos. E por razões da mesma ordem, a cobertura dos edificios dos pisões é preferentemente de colmo ou de chapa, e não de telha, que certamente se desloca, abalada pelo estremecimento provocado pela pisoagem; apesar disso, porém, em muitos casos vê-se a velha telha caleira portuguesa no telhado dos pisões.

Os pisoeiros são sempre homens; na indústria caseira de lanifícios, as mulheres carpeiam e fiam a lã, tecem o pano, e às vezes levam as teias ao pisão; os homens lavam, pisoam e cardam esses tecidos, e geralmente transportam-nos depois de prontos até à casa dos seus donos.

A pisoagem é independente da tecelagem; o pagamento do

trabalho da pisoagem parece ser sempre feito em dinheiro, a tanto por peça ou «rolo» de burel ou pano ⁽¹⁾; assim sucede no pisão de Bucos, que pertence ao próprio pisoeiro, e também no de Trinta. Aqui, porém, o pisão não é do pisoeiro, e este trabalha «a meias» com o proprietário do pisão, que é um pequeno industrial manteiro da povoação; o custo da pisoagem das mantas, que obedece a uma tarifa convencionada, quer estas sejam do dono do pisão quer de outros fregueses, é dividido em duas partes iguais, sendo uma para o proprietário e outra para o pisoeiro, que fica ainda com o encargo do transporte em burro, à ida e à volta, das mantas. Fradesso da Silveira indica também o mesmo regime de pagamento — a tanto pela pisoagem do «rolo» de burel — nos pisões de Goes; mas alude a fábricas da Covilhã que mandavam pisoar a pisões «administrados separadamente por seus proprietários ou rendeiros», que enfortiam tecidos mediante retribuição convencionada, embora num regime que parece diverso do de Trinta, em que o pisoeiro pagava uma renda pelo pisão; e refere igualmente um pisão em Portalegre, de que pagavam foro os donos de uma fábrica local.

APÊNDICE

De um modo geral, os nossos dicionários são pouco descritivos em relação ao termo «pisão». Cândido de Figueiredo e Laudelino Freire fazem-no derivar do latim *piso-onis*, enquanto que Moraes, Faria, e Silva Bastos, o fazem de *pisar*.

(1) Já no foral de Tomar, de 1510, se encontra este regime: «Os pisões de panos ou burel levam por cada vara de pano que a pisoam e cardam por tudo juntamente cinco reais a vara» (in: *Archeol. Port.*, vol. xv, pág. 185).

O Elucidário de Viterbo é omissivo; o Dicionário da Academia só dá naturalmente os derivados em A: apisoar, apisoado, apisoador; mas este dicionário, e também Vieira, e Morais e Silva, remetem para os dicionários de Barbosa e latino-português de Cardoso. Bluteau, Morais e Silva, Vieira, Faria, e Lacerda, definem-no como sendo um «moinho com uma roda dentada (sic), que faz alçar e baixar uns paus de feição de martelos, os quais caindo sucessivamente sobre os panos, os fazem mais firmes e mais lisos». Cândido de Figueiredo, Silva Bastos, Laudelino Freire e Bivar, mais sucintamente, definem-no apenas pela sua função, como uma «máquina em que se bate ou prime o pano, para o tornar mais forte, consistente e tapado», e que Maximiliano de Lemos, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Caldas Aulete, e Morais, situam nas tecelagens ou fábricas de lanifícios (1).

Todos estes dicionários consignam maior ou menor número de derivados do étimo, a partir de «pisoar» e «apisoar», que definem correspondentemente como «bater, apertar, lustrar ou encorpar o pano no pisão, para lhe dar corpo e resistência» (2): pisoeiro ou pisoador, e apisoador, pisoagem ou pisoamento e apisoamento, pisoado e apisoado, e pisoada (3).

Por outro lado, Cândido de Figueiredo, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Caldas Aulete, Morais, e Bivar, e também Laudelino Freire, e Silva Bastos, consignam o vocábulo «fulão», no sentido de «máquina, moinho, ou pisão, para pisar panos»,

(1) Morais define «Apisoado» como um burel ou pano «batido, encorpado a malho, calcado.»

(2) Note-se que Vieira, Morais e Silva, Lacerda, e Faria, numa segunda acepção dos termos, dão também «pisoar» e «apisoar» como «bater bem o pano ao tecer, para que fique bem tapado».

(3) Morais define «Pisoada» como «porção de lã que se pisoou de uma vez».

considerando-o os primeiros um provincialismo minhoto, embora julgemos fora de dúvida o seu étimo latino, de «fullo»; Cândido de Figueiredo indica o verbo «fuloar», como sinónimo de «pisoar» no sentido de «trabalhar com o pisão»; Vieira, Silva Bastos, Cândido de Figueiredo, Laudelino Freire, Moraes, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, e Caldas Aulete, mencionam «fula» que além do seu significado corrente na chapelaria, definem: o primeiro, que o considera «termo de artes», como «acção de calandrar os panos; preparação que se lhes dá, comprimindo-os por meio de um aparelho apropriado, a fim de os fazer mais tapados e fortes»; o segundo, como «operação a que se submete a lã, batendo-a nos pisões ou mascotos»; e os outros, como «aparelho para calandrar panos». Caldas Aulete fá-lo derivar do latim «fullo», e a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, do francês «foule» e «fouler».

Em derivados homónimos, Bluteau dá «pisão» também como o «mestre que governa o pisão»; e Vieira, Moraes e Silva, Cândido de Figueiredo, Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Silva Bastos, Caldas Aulete, Bivar, e Laudelino Freire, paralelamente, dão «fulão» como sinónimo de pisoador ou pisoeiro, o homem que pisa os panos de lã para os enfortir (com a indicação, nos últimos, de «nas fábricas de lã»).

Nós encontramos efectivamente o termo «fulão» apenas no Minho, e mesmo só no norte da província. É ele que designa o engenho de Amonde, e no Soajo desconhece-se até a palavra «pisão». Em Carreço, ouvimos o verbo «afuloar» para designar uma brincadeira carnavalesca em que se bate no traseiro das mulheres com sacos com laranjas, à maneira dos malhos num pisão; e no Soajo, como dissemos, encontra-se «Fulão» na toponímia local. Ao sul do Cávado, o termo parece ser já «Pisão», que se encontra do mesmo modo na toponímia, designando um lugar do concelho de Famalicão.

De acordo com Cortes Vazquez, é pois o português um caso em que os derivados dos nomes do antigo processo — de *pisare* ou de *fullo* — não foram substituídos por outros, de origem germânica ou de qualquer modo estranha, quando os pisões a sangue foram substituídos pelos engenhos mecânicos (1).

(1) Como, segundo aquele A., sucede com o espanhol, em que o termo geral de *Bátan* parece ser de origem francesa (e não árabe, como pretendem outros), vivendo os derivados do latim apenas dialectalmente, v. g., o *Pisón* sanabrês. É também o caso do italiano *Gualchiera*, de origem germânica, que apoia a hipótese etimológica europeia do espanhol *batán*. Note-se que destas etimologias e do facto de as primeiras menções ao engenho mecânico aparecerem sobretudo em documentos central-europeus, o A. conclui: «El batán viene, pues, de Europa y no de Africa» (El batán de la Horcajada, pág. 22, nota 6).